



O papel do tradutor e da tradução como elementos de inclusão em sociedades multiculturais

Lucas Lima da Rocha

Dissertação
Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas

Porto – 2018

INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DO PORTO
INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO



O papel do tradutor e da tradução como elementos de inclusão em sociedades multiculturais

Lucas Lima da Rocha

Dissertação
apresentada ao Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto para
obtenção do grau de Mestre em Tradução e Interpretação Especializadas, sob
orientação do Doutor Fernando Manuel Moreira da Silva.

Porto – 2018

INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DO PORTO
INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO

Resumo:

Ao longo de séculos assistimos a migrações de povos que, por diversas razões, sentem necessidade de se deslocarem para outra área de residência. Na maioria dos casos isto acontece por motivos económicos, mas existem outros, como crises políticas, perseguição religiosa, guerras. A integração, nestes casos, revela-se, muitas vezes, difícil por falta do domínio da língua do país de acolhimento.

Nos últimos anos assistiu-se a uma gradual melhoria no combate à exclusão social de grupos minoritários estrangeiros. Em Portugal foram tomadas várias medidas e criados vários projetos como os Centros Nacionais de Apoio ao Imigrante, criados em 2004 e a Linha SOS Imigrante.^{1,2}

Após alguma reflexão sobre o tema da emigração e tendo em conta que este faz parte das minhas experiências familiares, optei por realizar uma dissertação como projeto final do meu Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas. Esta dissertação debruça-se sobre a tradução e como esta auxilia os alunos que não falam a língua na qual as aulas são lecionadas. Será ainda abordada a situação de refugiados e imigrantes que tenham chegado ao país sem domínio da língua, as dificuldades e os possíveis contributos com que os tradutores se deparam nestas situações.

A abordagem a este tema baseou-se na pesquisa de teorias de tradução, legislação e na seleção de casos de estudo, acrescida de uma breve perspetiva própria obtida a partir de uma vivência recente. As teorias da tradução permitiram compreender melhor o papel do tradutor e as dificuldades com que, muitas vezes, se depara. No que diz respeito à legislação, foi feita uma pesquisa no sentido de perceber que mecanismos de apoio existem para responder às necessidades dos indivíduos de cada caso analisado. Foram também selecionados um conjunto de casos de estudo, os quais analisei, de modo a obter uma visão mais global do papel da tradução, do tradutor e do intérprete, chegando à conclusão de que a tradução e a interpretação são elementos essenciais para a melhor inclusão numa sociedade multicultural.

¹ [http://www.rcc.gov.pt/Directorio/Temas/ServicosCidadao/Paginas/Centro-Nacional-de-Apoio-ao-Imigrante-\(CNAI\).aspx](http://www.rcc.gov.pt/Directorio/Temas/ServicosCidadao/Paginas/Centro-Nacional-de-Apoio-ao-Imigrante-(CNAI).aspx)

² <http://www.rcc.gov.pt/Directorio/Temas/ServicosCidadao/Paginas/Linha-SOS-Imigrante.aspx>

Palavras chave: Tradução, Interpretação, Inclusão, Multiculturalismo.

Abstract:

Over the centuries we have witnessed migrations of peoples who, for several reasons, feel the need to move to another area of residence. In most cases this happens for economic reasons, but there are others, such as political crises, religious persecution, wars. Integration in these cases is often difficult due to a lack of command of the language of the host country.

In recent years there has been a gradual improvement in tackling social exclusion of foreign minority groups. In Portugal, several measures have been taken and several projects were created, such as the National Immigrant Support Centres launched in 2004 and the SOS Immigrant Line.

After some reflexion about emigration and considering that this is part of my family experiences, I chose to do a dissertation as the final project of my Master's Degree in Specialized Translation and Interpretation. This dissertation focuses on translation and how it affects students who do not speak the language in which the lessons are taught. It will also address the situation of refugees and immigrants who have arrived in the country without language proficiency, as well as the difficulties and possible contributions that translators can encounter and provide in these situations.

The approach to the theme was based on the research of translation theories, legislation and case studies, together with a brief perspective of my own obtained from a recent experience. The theories of translation have made it possible to better understand the role of the translator and the difficulties he often faces. Regarding legislation, a research was carried out to understand which support mechanisms exist to respond to the needs of individuals in each case analysed. A set of case studies was selected, which I have analysed in order to obtain a global view of the role of translation, of the translator and the interpreter, concluding that translation and interpretation are essential for a better inclusion in a multicultural society.

Keywords: Inclusion, Translation, Interpretation, Culture, Multiculturalism.

Agradecimentos

Aos meus pais por me terem motivado ao longo de todo o mestrado. Ao apoio que me deram durante os momentos mais complicados. À ajuda que me deram durante todo este percurso de aprendizagem

Ao meu grupo de amigos a quem posso chamar de irmãos por me terem incentivado a continuar. Que me distraíram quando o trabalho era demais. E que estão sempre lá quando preciso de falar com alguém.

Aos meus colegas com os quais partilhei tantos sentimentos controversos no decorrer deste mestrado e em especial desta tese. Especialmente à Sílvia com quem partilhei tantos desabafos e momentos de desespero, sem ela esta reta final teria sido muito mais dolorosa.

Ao meu orientador Doutor Manuel Silva por ser tão paciente e compreensivo e por me ter ajudado tanto no desenvolvimento desta dissertação.

E a todos os professores que me acompanharam pela Licenciatura e Mestrado, pelo conhecimento que me transmitiram e pela sua simpatia ao longo destes anos.

"Words travel worlds. Translators do the driving."

Anna Rusconi

Índice

Introdução	1
Capítulo 1 – Tradução	4
1.1. TRADUÇÃO AO LONGO DA HISTÓRIA – BREVE ENQUADRAMENTO	5
1.1.1. <i>Na antiguidade</i>	5
1.1.2. <i>Na idade média</i>	5
1.1.3. <i>No século 15</i>	6
1.1.4. <i>No século 16</i>	6
1.1.5. <i>No século 17</i>	7
1.1.6. <i>No século 18</i>	8
1.1.7. <i>No século 19</i>	9
1.1.8. <i>No século 20</i>	10
1.1.9. <i>No século 21</i>	11
1.2. O PAPEL DO TRADUTOR AO LONGO DA HISTÓRIA.....	12
1.3. TRADUÇÃO ENTRE DIFERENTES CULTURAS	13
1.4. PAPEL E COMPETÊNCIAS DO TRADUTOR	18
1.4.1. <i>Competências dos tradutores na contemporaneidade</i>	18
1.4.2. <i>O papel das competências do tradutor na inclusão</i>	19
Capítulo 2 – Inclusão	21
2.1. INCLUSÃO NUMA SOCIEDADE MULTICULTURAL	22
2.2. INCLUSÃO NUMA SALA DE AULA MULTICULTURAL.....	24
2.3. INCLUSÃO DE REFUGIADOS NA SOCIEDADE.....	26
2.4. APLICAÇÕES CRIADAS NO ÂMBITO DE AJUDAR NA INCLUSÃO ATRAVÉS DA TRADUÇÃO.	28
2.4.1. <i>Translation Cards</i>	28
2.4.2. <i>Tarjimly</i>	29
2.4.3. <i>Bridge</i>	31
Capítulo 3 – Casos de Estudo	34
3.1. INTRODUÇÃO AOS CASOS.....	35
3.2. REFLEXÃO.....	35
3.2.1. <i>Caso de Estudo 1 - Translating and Interpreting in Social Inclusion Symposium, RMIT Melbourne</i>	35
3.2.2. <i>Caso de Estudo 2 - “Quick, someone call a translator!”: Communicating Within the European Refugee Crisis Response</i>	37
3.2.3. <i>Caso de Estudo 3 - Interpretar para refugiados</i>	39
3.2.4. <i>Caso de Estudo 4 - Lost in Translation: Reaching Out to English-Language Learners</i>	40
3.2.5. <i>Caso de Estudo 5 - Complicating Translation: Children with Refugee Status and Special Education Testing</i>	43
3.2.6. <i>Caso de Estudo 6 – formação de professores bilingues</i>	46
3.3. ANÁLISE GLOBAL DOS CASOS DE ESTUDO	48
3.4. REFLEXÃO SOBRE UMA EXPERIÊNCIA PESSOAL	49
3.5. ENTREVISTAS.....	50
3.6. REFLEXÃO COMPARATIVA	54
Conclusão	56
Referências Bibliográficas	58
Anexos	62

Índice de figuras

Figura 1 Ilustração em vitral de Moisés com cornos.....	15
Figura 2 Processo de tradução na aplicação Tarjimly	30
Figura 3 Pedido de tradução e aviso de receção.....	32
Figura 4 Envio da tradução.....	33

Índice de tabelas

Tabela 1 Municípios portugueses com mais estrangeiros	23
--	----

Introdução

A presente dissertação foi desenvolvida no âmbito da obtenção do grau de mestre em Tradução e Interpretação Especializadas pelo Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, com a intenção de contribuir para a reflexão sobre o papel do tradutor na inclusão de pessoas numa sociedade linguística e culturalmente diferente.

Esta dissertação consiste num trabalho de pesquisa realizado a partir de várias fontes e experiências, tradução de artigos de inglês e alemão para português e da consulta de artigos em português e consequente processamento de informação.

No primeiro capítulo elaboro uma breve abordagem ao tema da tradução e à sua evolução pela história. Neste capítulo abordo também a questão da tradução entre diferentes culturas e as dificuldades que podem surgir nesta área.

No capítulo seguinte é feita a introdução do tema da inclusão, o que significa, como se tem afirmado ao longo dos tempos, o que tem sido feito para que este processo se estabeleça de uma forma mais abrangente. Recorri a alguns exemplos de experiências inclusivas/de exclusão. Para além disso incluí uma experiência vivida na primeira pessoa por ter assistido em primeira mão a situações de exclusão. É também neste capítulo que ligo a tradução e o seu papel na inclusão numa sociedade cada vez mais multicultural. É igualmente importante uma contextualização legal, daí ter feito uma pesquisa relativa a leis existentes sobre esta matéria no nosso país.

Por fim foram revistos alguns casos que pesquisei sobre a inclusão em contexto de sala de aula, em termos da utilização da tradução e os seus resultados. A partir destes casos de estudo, contruí e observei um caso de estudo através de entrevistas relativas à inclusão de alunos chineses nas escolas de Vila do Conde.

O objetivo final deste trabalho será apresentar soluções, possíveis através da tradução e também da interpretação, para combater problemas que advêm da existência de barreiras linguísticas dentro e fora da sala de aula.

Na fase final da elaboração da minha dissertação surgiu a oportunidade de realizar o curso CELTA em Londres, durante o qual aprendi a ensinar uma língua estrangeira. Nas aulas em que eu lecionei senti dificuldades que já me eram conhecidas devido às pesquisas realizadas no âmbito da minha dissertação. Foi uma experiência que me sensibilizou ainda mais para a problemática de situações de ensino/aprendizagem com alunos que não tenham como primeira língua a que é usada na sala de aula. No meu caso, o intuito era ensinar uma segunda

língua, pelo que, a utilização de um intérprete não faria sentido. No entanto verifiquei que, por vezes, teria ajudado a conseguir explicar determinados conceitos na língua materna dos alunos.

Capítulo 1 – Tradução

1.1.Tradução ao longo da história – breve enquadramento

1.1.1. Na antiguidade

Aquela que é considerada a primeira grande tradução no mundo ocidental foi a da Bíblia hebraica para o grego por volta do século III a.C.. A língua hebraica foi-se esquecendo e disso veio a necessidade desse idioma ancestral ser traduzido para o grego, de forma a poder ser lida Eugene Albert Nida (1964). Esta tradução é também chamada de a “Septuaginta”, nome referente aos setenta tradutores que trabalharam na Alexandria, no Egito, na tradução da bíblia. Todos os tradutores trabalharam em separadamente e consta que todas as setenta versões da tradução foram idênticas. Esta tradução, a “Septuaginta”, tornou-se o texto de partida para as traduções que se vieram a realizar a partir daí.

Já Terence, um dramaturgo romano do século II a.C. falava do papel do tradutor como uma ponte para transmitir os valores entre as culturas. Começou-se também nessa altura a debater acerca da tradução do sentido dos sentidos e a tradução palavra por palavra.

Alguém que também se pronunciou contra a tradução “palavra por palavra” foi Cícero, um distinto escritor e filósofo, na sua obra “On the Orator” (“De Oratore”, 55 aC). Cícero comparou também o trabalho do tradutor com o de um artista.

Outro povo que também realizou esforços tradutivos em grande escala foram os árabes, pois após conquistarem o Império grego, quis disponibilizar versões árabes das principais obras científicas e filosóficas gregas.

1.1.2. Na idade média

Durante a Idade Média a maior parte das obras ainda só circulavam em latim. Surgiram no século 9 as primeiras traduções em Inglaterra a pedido de Alfred the Great, rei de Wessex, da “História eclesiástica” de Bede e “da “A Consolação da Filosofia” de Boeio, traduções essas que ajudaram a evoluir a prosa inglesa da época.

Foi com a Escola de Tradutores de Toledo, entre os séculos 12 e 13 que se deu um passo significativo na tradução de algumas obras científicas, médicas e religiosas de origem árabe,

grego e hebraico para latim e castelhano. Viajaram estudiosos de toda a europa para participar neste movimento como relata Francisco (2004).A necessidade de ter um conhecimento profundo tanto da língua de origem como da língua alvo foi pela primeira vez destacado pelo linguista do século XIII Roger Bacon. Bacon (1988) aponta também a relevância de o tradutor ter conhecimentos sobre o tema em causa de modo a obter uma tradução o mais fiel possível. Ainda em Inglaterra destaca-se a primeira tradução completa da bíblia de latim para inglês pelo teólogo John Wycliffe com o título de “Bíblia de Wycliffe” (1382-84).

1.1.3. No século 15

Durante o Concílio de Florença de 1438 a 39 Pletho conheceu Cosimo de Medici, o governante de Florença, e convenceu-o a fundar uma Academia Platónica, academia essa sob a direção do tradutor Marsilio Ficino como refere Marie Lebert (2017). Esta Academia acabou por assumir a tradução para o latim das obras platónicas, das "Enéadas" de Plotino e outras obras neoplatónicas. Surgiu então uma nova orientação de tradução com o trabalho de Ficino, o qual traduziu a edição em latim de Erasmus do Novo Testamento como referem Allen & Rees (2002). Passou-se a exigir um maior rigor de representação pois as crenças filosóficas e religiosas representadas por Platão Aristóteles e outros assim o exigiam.

Foi ainda neste século que a prosa inglesa viveu uma grande evolução através da tradução livre e adaptação de romances por Thomas Malory, obras essas às quais ele acabaria por acrescentar um cunho pessoal, por exemplo ao traduzir a obra de Merlin e Os Cavaleiros da Mesa redonda ele acrescenta a história de “Gareth” como um dos cavaleiros.

1.1.4. No século 16

A adaptação continuou presente em obras que não se destinavam a fins académicos. Grupos de poetas franceses e ingleses e tradutores isabelinos dedicavam-se a adaptar obras de Horace, Ovid, Petrarca e escritores latinos modernos, adaptações essas que despoletaram um novo estilo poético. Devido à ascensão de uma classe média e ao desenvolvimento da

impressão os poetas aperceberam-se da necessidade de disponibilizar uma nova oferta de textos como se pode ler no artigo de Lebert (2017).O "Tyndale New Testament" (1525) é considerado a primeira grande tradução de Tudor, chamado assim em honra a William Tyndale segundo Daniell (1994), o estudioso inglês que foi o seu principal tradutor. Esta tradução também foi a primeira tradução da Bíblia para trabalhar diretamente a partir de textos hebraicos e gregos. Depois de traduzir todo o Novo Testamento, Tyndale prosseguiu com o Antigo Testamento e traduziu metade deste.

Tyndale também se tornou uma figura líder na Reforma Protestante antes de receber uma sentença de morte pela posse ilegal da Sagrada Escritura em inglês como conta Daniell (1994). A "Bíblia Tyndale" foi completada por um dos seus assistentes. Tornou-se a primeira tradução inglesa produzida em massa devido a novos avanços na arte da impressão.

Martin Luther, professor alemão de teologia, sentiu necessidade de tornar a leitura da bíblia acessível ao povo e por esse motivo recorreu a expressões populares e metáforas que facilitassem a sua compreensão. Segundo Luther a tradução de um texto deveria ser feita de acordo com este princípio “und den selbigen auff das Maul sehen”, ou seja, “Olhar para o focinho do povo”, com isto ele quer dizer que temos de ter em conta a língua e cultura de chegada. O seu método foi prontamente alvo de crítica por parte da igreja católica, tendo assim iniciado o processo da reforma na igreja alemã. Destaca-se desta época a carta aberta escrita por Luther “Sendbrief vom Dolmetschen”³ (1530) onde respondendo às críticas da igreja, ele justifica as técnicas de tradução utilizadas.

1.1.5. No século 17

De acordo com o romancista espanhol Cervantes as traduções da sua época, à exceção das que eram feitas do grego para o latim, eram como olhar para o reverso de uma tapeçaria flamenga, isto é, os fios estão lá todos, mas não conseguimos ter perceção do desenho com clareza. Com esta metáfora Cervantes pretende criticar a maneira de como as traduções eram feitas, mostrando a necessidade de as traduções serem mais claras como refere Lebert (2017)

³ <http://www.bible-researcher.com/luther01.html>

Na segunda metade do século 17, o poeta e tradutor inglês John Dryden procurou fazer Virgil falar "em palavras como ele provavelmente teria escrito se ele vivesse como inglês" (. Uma visão com a qual eu me identifico, pois acho que se deve sempre apropriar um texto à cultura de chegada. Durante a segunda metade do século XVII, a "fidelidade" e a "transparência" foram melhor definidas como ideais pares na tradução, embora estivessem muitas vezes em discordância. "Fidelidade" é quando uma tradução retrata, com precisão, o significado do texto original, sem o distorcer, tendo em consideração o próprio texto (tema, tipo e uso), as suas características literárias e o seu contexto social ou histórico. "Transparência" é a dimensão em que uma tradução parece que foi escrita na língua nativa de quem a está a ler e está em conformidade com sua gramática, sintaxe e língua. Uma tradução "transparente" é muitas vezes qualificada como "idiomática".

1.1.6. No século 18

No século 18 o tradutor era comparado a um artista com um dever moral tanto em relação ao trabalho do autor original como do recetor como refere Lebert (2017). Foi durante este século que o estudo da tradução se tornou mais sistematizado. Alguns tradutores deste século decidiram que deviam omitir partes do texto original que não compreendessem e que lhes parecesse menos interessantes ou chatas para os leitores. De acordo com Johann Gottfried Herder, um filósofo, um teólogo, um poeta e um tradutor alemão, um tradutor deve traduzir para (e não desde) a sua própria língua, uma declaração já expressada dois séculos antes por Martin Luther, que foi o primeiro erudito europeu a afirmar que só se traduz satisfatoriamente para a sua própria língua.

Entendia-se que nenhum dicionário ou dicionário de sinónimos poderia ser um guia completamente adequado para a tradução. No seu "Ensaio sobre os Princípios da Tradução" (1791), o historiador escocês Alexander Tytler enfatizou que a leitura assídua é um guia mais abrangente para uma língua do que os dicionários. O poeta e gramático polonês Onufry Andrzej Kopczyński apontou a mesma coisa alguns anos antes, em 1783, enquanto acrescentou o escutar da língua falada à leitura assídua.

O enciclopedista polaco Ignacy Krasicki descreveu o papel especial do tradutor na sociedade no seu ensaio póstumo "O tłumaczeniu ksiąg" (On Translating Books). Ignacy Krasicki foi o autor da primeira novela polonesa, bem como um poeta e autor de fábulas (muitas vezes

chamado La Fontaine da Polónia) e um tradutor de francês e grego para o polonês. Neste ensaio, ele escreveu que "a tradução ... é de facto uma arte estimável e muito difícil, e, portanto, não é uma tarefa para mentes comuns; [Deve] ser [praticado] por aqueles que são eles próprios capazes de serem atores, quando veem maior utilidade na tradução das obras dos outros do que nas suas próprias obras e detêm mais alto do que a sua própria glória, o serviço que eles prestam ao seu país "(On Translating Books, 1803).

1.1.7. No século 19

O século XIX trouxe novos padrões de precisão e estilo. Em relação à precisão, como observado por JM Cohen, autor do capítulo "Tradução" na "Enciclopédia Americana" (1986, vol. 27), a política tornou-se "o texto, o texto inteiro e nada além do texto" (Exceto para passagens errôneas), com a adição de extensas notas de rodapé explicativas. Em relação ao estilo, o objetivo dos vitorianos era lembrar constantemente aos leitores que estavam a ler um clássico estrangeiro como refere Lebert (2017).

Surgiram duas tendências contrárias durante este século uma das quais considerava a tradução uma categoria de pensamento e via o tradutor como um ser criativo que enriquecia a literatura e a língua para que estava a traduzir. Enquanto que a segunda via o tradutor apenas como um instrumento para atingir um objetivo, ou seja, tornar um texto ou um autor conhecido como pode ser lido no artigo de Mostafa (2011:30).

Yan Fu, um estudioso e tradutor chinês, desenvolveu em 1898 a sua teoria de tradução de três facetas: fidelidade, isto é, seja fiel ao original em espírito; expressividade, seja acessível ao leitor alvo; e elegância, seja na linguagem que o leitor alvo aceita como educado. A teoria da tradução de Yan Fu, a qual Chan (2004) referencia, baseou-se na sua experiência com a tradução de obras das ciências sociais do inglês para o chinês.

Das três facetas, ele considerou a segunda como a mais importante. Se o significado do texto traduzido não for acessível ao leitor, não há diferença entre ter e não ter traduzido o texto. De acordo com Yan Fu, para facilitar a compreensão, a ordem das palavras deve ser alterada, os exemplos chineses podem substituir os ingleses e até os nomes das pessoas devem ser reproduzidos em chinês. A sua teoria teve muito impacto em todo o mundo, mas também foi indevidamente alargada à tradução de obras literárias.

1.1.8. No século 20

Neste século os estudos sobre a tradução foram relevantes no processo de ensino e aprendizagem das línguas. Assistiu-se a um desenvolvimento de produtos de pesquisa tais como tradução automática e ferramentas de tradução assistida por computador como refere Baker e Saldanha (2011:162).

O romancista polaco e britânico Joseph Conrad explicou à sua sobrinha Aniela Zagórska tradutora das suas obras, que para ele a tradução, como todas as artes, implicam escolhas e as escolhas implicam interpretações e que na sua opinião é melhor interpretar do que traduzir. Deve-se sim, encontrar expressões equivalentes e guiar-se pelo seu temperamento como relata Lebert (2017)

Segundo Jorge Luís Borges, autor e tradutor, afirmou que por vezes uma tradução pode-se revelar melhor do que o original referido no livro de Nelson e Maher (2013), não ser fiel ao texto de partida e que diferentes traduções, por vezes contraditórias, podem ser igualmente válidas.

Ainda assim, neste século, houve tradutores que realizaram traduções literais, nomeadamente em textos religiosos, históricos, académicos e científicos, tentando ser o mais fiel possível ao texto original, muitas vezes levando a língua de chegada ao limite do inteligível.

A segunda metade do século 20 viu o nascimento de uma nova disciplina chamada "Estudos de Tradução", bem como a criação de novos institutos especializados nesse ensino. O termo "Estudos de Tradução" foi cunhado por James S. Holmes, poeta e tradutor de poesia, em seu artigo pioneiro "The Name and Nature of Translation Studies" (1972), considerado como a afirmação fundamental desta nova disciplina. Nascido nos Estados Unidos, Holmes mudou-se permanentemente para Amsterdão, Holanda, ainda jovem. Ao escrever a sua própria poesia, ele traduziu muitas obras de poetas holandeses e belgas para o inglês. Ele foi contratado como professor associado no novo Instituto de Intérpretes e Tradutores (mais tarde renomeado o Instituto de Estudos de Tradução), criado em 1964 na Universidade de Amsterdão, e também escreveu uma série de artigos influentes sobre tradução.

Da antiguidade até meados do século 20, a interpretação só foi vista como uma forma especializada de tradução - falada em vez de escrita - antes de se tornar uma disciplina separada como refere Lebert (2017). Os estudos de interpretação emanciparam-se gradualmente dos estudos de tradução para se concentrarem no aspeto prático e pedagógico da interpretação. Também desenvolveu um quadro teórico interdisciplinar diferente, incluindo estudos sociológicos de intérpretes e as suas condições de trabalho.

1.1.9. No século 21

Como os seus antecessores, os tradutores contemporâneos ajudaram substancialmente a moldar as línguas em que traduziram. Quando uma língua de destino carece de termos que são encontrados numa língua de partida, elas emprestam esses termos, enriquecendo a língua de destino com traduções literais dessa língua e empréstimos (palavras incorporadas noutra língua sem tradução) como relata Lebert no seu artigo (2017).

Estudos de Tradução são agora uma disciplina académica que inclui muitos campos de estudo como referem Gile, Hansen e Kocijan (2010) (literatura comparada, informática, história, linguística, filologia, filosofia, semiótica, terminologia), com a necessidade de os tradutores escolherem uma especialidade (jurídica, económica, técnica, científica ou tradução literária) para ser treinado em conformidade.

A internet promoveu um mercado mundial para serviços de tradução, de localização e de software de tradução. Também trouxe muitos problemas, como o emprego precário para alguns tradutores, com escasso trabalho freelancer e honorários mais baixos para outros tradutores e com o aumento da tradução voluntária não remunerada - incluindo a tradução crowdsourcing- promovida por grandes organizações que possuem os fundos necessários para contratar muitos profissionais, mas sem tradutores profissionais.

Pessoas bilíngues precisam de mais habilitações do que duas línguas para se tornar bons tradutores. Ser um tradutor é uma profissão e implica um profundo conhecimento de um determinado domínio específico. Enquanto que isso era óbvio na Idade Média e também mais tarde, hoje em dia isso parece menos óbvio.

Depois de serem considerados estudiosos juntamente com autores, académicos e investigadores há dois milénios, muitos tradutores tornaram-se "invisíveis" no século XXI,

com os seus nomes muitas vezes esquecidos em comunicados de imprensa e capas de livros, e às vezes até nos artigos e livros que passaram dias, semanas ou meses a traduzir.

Apesar das omnipresentes ferramentas de TA (tradução automática) e CAT (ferramentas de tradução assistida por computador) que, supostamente, aceleram o processo de tradução, alguns tradutores ainda desejam ser comparados a artistas, não só pela vida precária que levam, mas também pela perícia, conhecimento, dedicação e paixão que colocam no seu trabalho.

1.2. O papel do tradutor ao longo da história

Sem dúvida que o tradutor contribuiu e contribui para a interligação de culturas, permitindo uma maior aproximação dos povos, dos seus valores, ideais, costumes e tradições. Desde a existência da palavra impressa que o homem sentiu a curiosidade de entender a mensagem por trás de uma língua desconhecida.

Durante séculos os homens letrados foram muito poucos, mas a sede de conhecimento e a aquisição de alguns direitos nos grupos menos favorecidos contribuíram para o aumento da literacia. Foi em momentos como este que o papel do tradutor se mostrou relevante, pois havia inúmeras obras que precisavam de ser disponibilizadas aos leitores.

As traduções não permitiram apenas o alargar de horizontes através do encontro com outras culturas, mas também houve momentos em que contribuiu para mudanças de mentalidade. Como é o caso da tradução da Bíblia de Martin Luther onde ele optou por realizar uma tradução adaptada ao povo, para sua melhor compreensão, tendo sido alvo de crítica por parte da igreja católica como podemos ver na *Open Letter on Translating* (1530) que Luther escreveu.

Na segunda metade do século XVII surgiu uma corrente que defendia que a tradução devia ser um ideal de fidelidade, onde a tradução se matinha o mais próxima do original, e uma outra que entendia que a tradução devia ser transparente no sentido em que o leitor iria ler a obra com a sensação de que esta foi escrita na sua própria língua. As duas posições têm sido defendidas por diferentes tradutores. Naturalmente está-se a falar de textos literários, pois no que toca a textos científicos e livros mais técnicos, estes têm de ser traduzidos fazendo uso de uma perspetive de rigor e fidelidade ao original.

Para além desta controvérsia, surgiu também a de que o tradutor era um criativo como se pode ler no artigo de Mostafa (2010:30) e por isso podia enriquecer o texto que lhe tinha sido indicado para traduzir e em contrapartida havia quem achasse que o papel do tradutor não passava de um meio para divulgar a obra.

Com a evolução tecnológica o trabalho do tradutor levou um impulso no sentido de uma melhoria considerável, permitindo assim maior rapidez e qualidade na sua execução. Mais recentemente assiste-se ao reforçar do fenómeno das influências linguísticas devido à globalização. É frequente o uso de empréstimos por falta de termo na língua de chegada, pois os media contribuem para a divulgação desses empréstimos, tornando-os acessíveis à compreensão da maioria.

A evolução das tecnologias e dos tradutores automáticos levam, não raramente, as pessoas a negligenciar a profissão do tradutor, influenciando o mercado de trabalho. Uma forma de se destacar na profissão é a especialização numa determinada área. Acredito que o futuro da profissão dependerá da paixão, determinação e profissionalismo que cada tradutor colocar no seu desempenho.

Apesar de muita gente achar que a profissão do tradutor/intérprete está a ser ameaçada pelas novas tecnologias de tradução, ainda falta um longo caminho até as máquinas conseguirem sentir emoções e conseguirem interpreta-las.

1.3. Tradução entre diferentes culturas

Nós, como tradutores, temos a responsabilidade de disponibilizar a inúmeras culturas obras de diversos autores, que foram construídas dentro de um determinado contexto, mantendo o significado pretendido pelo autor, mas sempre com a cultura de chegada em mente.

A partir da segunda metade do século XX mudanças significativas foram tomadas no campo dos Estudos da Tradução. Já não basta alguém ter um bom conhecimento em duas línguas para ser considerado um bom tradutor como explica Levý (2011:67) quando diz

“It is not a monolithic work, but an interpenetration, a conglomerate of two structures. On the one hand there is the semantic content and the formal

characteristics of the source; on the other hand there is the entire system of aesthetic features specific to the target language.”

Jiří Levý (2011:67)

A cultura é um fator muito importante no que toca à tradução, o que leva a que um bom tradutor não pode ser apenas aquele que é proficiente em duas línguas, mas também alguém que, para além dos recursos tecnológicos essenciais, tenha um bom conhecimento tanto da cultura de partida, como da de chegada. Já Hawkes e Bassnet (1977, 1991: citado por Agra, 2007) diziam que “(...) a análise da tradução é um processo que, apesar de ter um núcleo centrado na atividade linguística, pertence mais apropriadamente à Semiótica, a ciência que estuda ou estrutura o sistema dos sinais, seus processos e suas funções.”.

Um texto não é apenas um aglomerado de palavras estruturadas gramaticalmente, ele guarda em si toda uma simbologia proveniente da cultura de um povo, que vive segundo determinadas crenças, ideais e tradições. Quanto mais profundo for o conhecimento, por parte do tradutor, de toda essa panóplia cultural, maior será a probabilidade de a mensagem ser transmitida conforme a intenção do autor original.

Temas tão delicados como a religião, quando mal traduzidos ou mal interpretados, podem levar a ofensas às crenças de um determinado grupo, pois são assuntos muito sensíveis. Um exemplo de uma tradução que correu mal e que, conseqüentemente, originou a criação de obras artísticas com características completamente diferentes das descritas no texto original, é o caso da tradução de São Jerónimo do Velho Testamento a partir do hebraico para latim, referidas por Aviya Kushner (2015).

Na tradução da palavra “*karan*”, um verbo que significa “irradiar”, São Jerónimo leu “*keren*”, um nome que tanto pode significar “luz radiante” como “cornos de um animal”, e a partir daí as imagens de Moisés passaram a representá-lo com cornos.

“The Hebrew in Exodus 34:29 beautifully Moses’ skin as beaming with light; but some translators seem to have read the noun keren which means both a ray of light and the horn of an animal, instead of the verb karan, “beamed” (...) The “horned Moses” passage has its roots in St. Jerome’s fourth century translation of the Hebrew Bible into Latin, which became the official translation of the Catholic Church.”

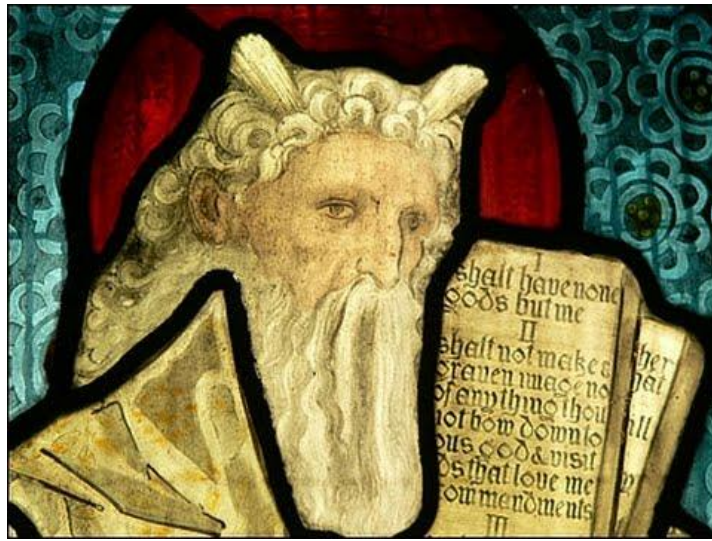


Figura 1 Ilustração em vitral de Moisés com cornos

A política é outro campo que pode gerar controvérsia e, por este motivo, há que navegar com cuidado para não despoletar situações inconvenientes, embaraçosas ou até mesmo perigosas como podemos ver com o exemplo seguinte. Em tempo de Guerra Fria, onde por si só os ânimos entre a União Soviética e os Estados Unidos estavam agitados, tomou lugar uma interpretação de um discurso de Nikita Krushchev que se revelou demasiado literal e que foi levada como uma ameaça pela América quando na verdade não era tão grave assim, acontecimento esse relatado na revista Time (1956).

“During a November 1956 reception for Poland’s Communist leader, Wladyslaw Gomulka, at the Polish Embassy in Moscow soviet premier Nikita Krushchev reportedly threatened Western Diplomats by stating, in Russian, “We will burry you” (...) The English translation, as initially understood by most americans, was taken out of context ideologically and culturally. Krushchev’s phrase was part of an expanded Russian statement accurately rendered as “whether you like It or not, history is on our side. We will dig you in.””

Dr. Stuart J. Birkby (2014:90/92)

Em países onde há predominância da religião muçulmana, a divisão de papéis entre homem e mulher é bastante acentuada. Isto pode levantar algumas questões durante a tradução de um texto pois, dentro da comunidade muçulmana existem posições diferentes quanto aos direitos da mulher. Enquanto que na maioria das comunidades muçulmanas o papel da mulher é simplesmente conservador, isto é, a mulher não trabalha fora de casa, dedica-se exclusivamente à casa e à educação dos filhos, há também grupos com um comportamento mais radical no que diz respeito aos direitos e obrigações da mulher.

Tratando-se, por vezes, de atitudes tão incompreensíveis a uma pessoa de cultura ocidental, o tradutor corre o risco de adotar uma posição menos imparcial por ficar chocado com essa realidade. Acredito que possa existir tentação de incluir uma posição pessoal perante uma situação desse género, mas por mais correta que seja, o tradutor deve-se abster de inserir qualquer tipo de ideia subjacente, mesmo nas entrelinhas.

No que diz respeito às tradições/costumes de cada país, podem surgir também alguns desafios na sua correta interpretação. Tratando-se de aspetos muito particulares de uma cultura, podem não ser imediatamente aprendidos pelo tradutor, por serem tão estranhos à sua própria cultura.

Através da globalização, acelerada pelos meios de comunicação, as tradições começaram a ser partilhadas por diferentes países, tais como, o *Halloween*, o Natal, e São Valentim. Embora estas tradições sejam festejadas, de um modo geral, da mesma forma, existem algumas variações em alguns países. Um dos motivos para esta variação no Japão, foi uma falha na tradução dos rituais próprios das festividades de São Valentim.

“In the 50s, when chocolate companies began encouraging people to celebrate Valentine's Day in Japan, a mistranslation from one company gave people the idea that it was customary for women to give chocolate to men on the holiday. And that's what they do to this day.”

Rana Kabbani Iskandarani (2016)

Um outro aspeto a ter em conta na tradução entre culturas são os comportamentos sociais que se revelam, muitas vezes, completamente diferentes daquilo que nos é familiar. Embora estes comportamentos estejam mais presentes numa forma não verbal, o que poderia levar a

pensar que não afeta assim tanto a tradução, podem na mesma suscitar alguns equívocos, como podemos ver neste exemplo.

“When Tom won the first prize in the composition competition, we all patted him on the back. Most people in the world “pat somebody on the back”, so it is almost a universal behavior. But it carries different message in different cultures. For example, in Chinese culture, to pat someone on the back shows friendliness or encouragement, while in English culture, the same action means congratulation.”

Hu Yuan (2007:79)

Na tradução para o mandarim foi acrescentada uma expressão que demonstrasse congratulação.

Assim, consigo concluir que o processo de tradução implica um vasto conhecimento não só linguístico como também da cultura pertencente a esta(s) língua(s). Há que ter sensibilidade para questões éticas e religiosas de modo a não ferir suscetibilidades. É essencial ter consciência das diferenças na construção da própria sociedade e dos elementos que a compõem, tais como hierarquias, instituições, organizações, etc.

Devemos ter em conta que existem culturas consideradas menores e outras dominantes, como refere Said (1994), no entanto, temos de lidar com todas como se fossem únicas, relevantes, independentemente de o número do público-alvo ser maior ou menor. O entranhar-se com todos estes aspetos que constituem uma sociedade, permite ao tradutor um trabalho mais eficaz no apoio à inclusão numa cultura diferente, facilitando assim o processo de integração.

1.4. Papel e competências do tradutor

1.4.1. Competências dos tradutores na contemporaneidade

Como refere a norma ISO 17100, o tradutor deve, atualmente, possuir um conjunto de competências que componham o seu perfil e lhe permitam realizar as tarefas de tradução com a qualidade desejada, nomeadamente:

- **Competência de tradução:** a capacidade de traduzir o conteúdo de acordo com 5.3.1, incluindo a capacidade de abordar os problemas de compreensão do conteúdo da língua e produção de conteúdo de língua e a capacidade de prestar o conteúdo da língua de chegada de acordo com o acordo *client-TSP* e outras especificações do projeto. (ISO171000:2015)
- **Competências linguísticas e textuais na língua de partida e na língua de chegada:** a capacidade de compreender a língua de partida, a fluência na língua de chegada e o conhecimento geral ou especializado de convenções de tipo de texto. Esta competência linguística e textual inclui a capacidade de aplicar esse conhecimento ao produzir traduções ou outro conteúdo na língua de chegada. (ISO171000:2015)
- **Competência em pesquisa, aquisição de informações e processamento:** a capacidade de adquirir eficientemente os conhecimentos linguísticos e especializados adicionais necessários para entender o conteúdo da língua de partida e produzir o conteúdo na língua de chegada. A competência de pesquisa também requer experiência no uso de ferramentas de pesquisa e a capacidade de desenvolver estratégias adequadas para o uso eficiente das fontes de informação disponíveis. (ISO171000:2015)
- **Competência cultural:** capacidade de utilizar informações sobre os padrões comportamentais, terminologia atualizada, sistemas de valores e localidades que caracterizam as culturas da língua de partida e chegada. (ISO171000:2015)
- **Competência técnica:** conhecimentos, habilidades e capacidades necessárias para realizar as tarefas técnicas no processo de tradução empregando recursos técnicos, incluindo ferramentas e sistemas de TI que apoiam todo o processo de tradução. (ISO171000:2015)

- **Competência de domínio:** a capacidade de entender o conteúdo produzido na língua de partida e reproduzi-lo na língua de chegada usando o estilo e a terminologia adequados. (ISO171000:2015)

Este conjunto de competências constituem a base de um bom tradutor e são, na maioria, adquiridas ao longo da sua formação. Algumas competências como por exemplo a cultural é algo que pode até ser percebido ao longo da formação, mas é um ponto que tem de ser aprofundado com o desenvolvimento profissional do tradutor. No subcapítulo seguinte irei analisar mais aprofundadamente qual o papel destas competências que todos os tradutores devem ter, na inclusão em sociedades multiculturais.

1.4.2. O papel das competências do tradutor na inclusão

Ao analisar cada uma das competências estabelecidas pelos Serviços de Tradução pude verificar que umas estão mais direcionadas para a inclusão do que outras. Na Competência de Tradução aborda-se mais a parte técnica e legal remetendo ainda para uma alínea no Processo de Tradução do mesmo documento (ISO171000:2015), onde refere que o tradutor deve trabalhar de acordo com o propósito do projeto de tradução, incluindo as convenções linguísticas da língua de chegada e outras especificações do projeto.

Na alínea seguinte, menciona as competências linguísticas que o tradutor tem que ter, quer da língua de partida, quer da de chegada com o intuito de poder produzir uma boa tradução. É importante ter boas competências linguísticas na língua de chegada para que o leitor sinta que compreende na totalidade o que lhe está a ser transmitido, logo, permitindo mais conforto nas diversas situações em que seja necessária uma tradução.

Relativamente à alínea onde é abordado o tema da cultura, a capacidade de assimilar a informação de qualquer especificidade de texto para o reproduzir de forma fiel ao original, mas transportar com sucesso, para a outra cultura, é extremamente importante. Não ter em conta a cultura de chegada pode comprometer a transmissão de informação.

Para haver um sentimento de inclusão por parte do leitor, é essencial que o texto demonstre que o tradutor teve o cuidado de se informar sobre a cultura de chegada, de maneira a adaptar e explicar quaisquer diferenças que possam haver entre ambas culturas.

Na última alínea refere-se a importância de compreender o domínio do texto de partida. Ao realizar uma tradução é preciso ter noção do tipo de terminologia que deverá ser utilizado, o que pode determinar se o leitor compreende na totalidade a informação presente no texto.

Por exemplo, no caso da tradução de documentação oficial, erros na terminologia são capazes de comprometer o futuro da pessoa em questão. Uma boa tradução consegue fazer a diferença entre a oportunidade de obter uma boa colocação profissional ou, por exemplo, uma equivalência escolar correta. Todos os cuidados e atenções a desenvolver no processo de tradução são relevantes para o processo de inclusão de um estrangeiro num país de acolhimento.

Capítulo 2 – Inclusão

2.1. Inclusão numa sociedade multicultural

Ao longo da história da humanidade, grande parte dos países, viram a sua demografia ser alterada por movimentos de migração. Ao longo dos séculos esta realidade foi construída, tanto de forma pacífica como de forma violenta, os descobrimentos, as invasões, e as colonizações, vagas de emigração e mais recentemente a crise de refugiados criaram a sociedade multicultural em que vivemos hoje.

“Acts of translation are an important outward, visible sign that the principles of recognition and inclusion are valued within and across communities, societies, and nations when formulating frameworks of social and economic justice;(…)”

Moira Inghilleri (2017:39)

A convivência entre pessoas de diferentes culturas, nem sempre foi pacífica no passado e atualmente continua a colocar constantes desafios à sociedade moderna. Na maioria dos casos a inclusão era feita através da sobreposição da cultura dominante, ignorando-se as tradições, desrespeitando-se os valores e costumes dos grupos minoritários. A língua do país de origem era reprimida de modo a que as gerações futuras já nem as soubessem falar.

Enquanto que a maioria dos povos migratórios se tentou adaptar, adotando a cultura dominante, houve grupos que criaram núcleos da sua própria identidade. Exemplos disso são *Chinatown* e *Little Italy* espalhados pelo mundo e mais próximo da minha residência, a Varziela zona comercial e residencial da maior comunidade chinesa em Portugal (Sábado: 2015).

O aparecimento destes bairros reflete alguma resistência do povo em integrar-se num novo país. É aqui a sua zona de conforto onde sentem que pertencem a algum lugar. Este tipo de realidade acaba por favorecer algum isolamento, dificultando, por exemplo, a aprendizagem da língua do país de acolhimento. Por outro lado, temos os autóctones que nem sempre facilitam o processo de integração por demonstrarem algum sentimento de aversão ao que lhes é estranho. Como podemos ver na seguinte tabela os imigrantes em Portugal concentram-se mais a Sul do país. A sua percentagem em relação à população é reduzida, no entanto a população portuguesa começou a sentir algumas alterações devido à afluência de pessoas com diferentes culturas.

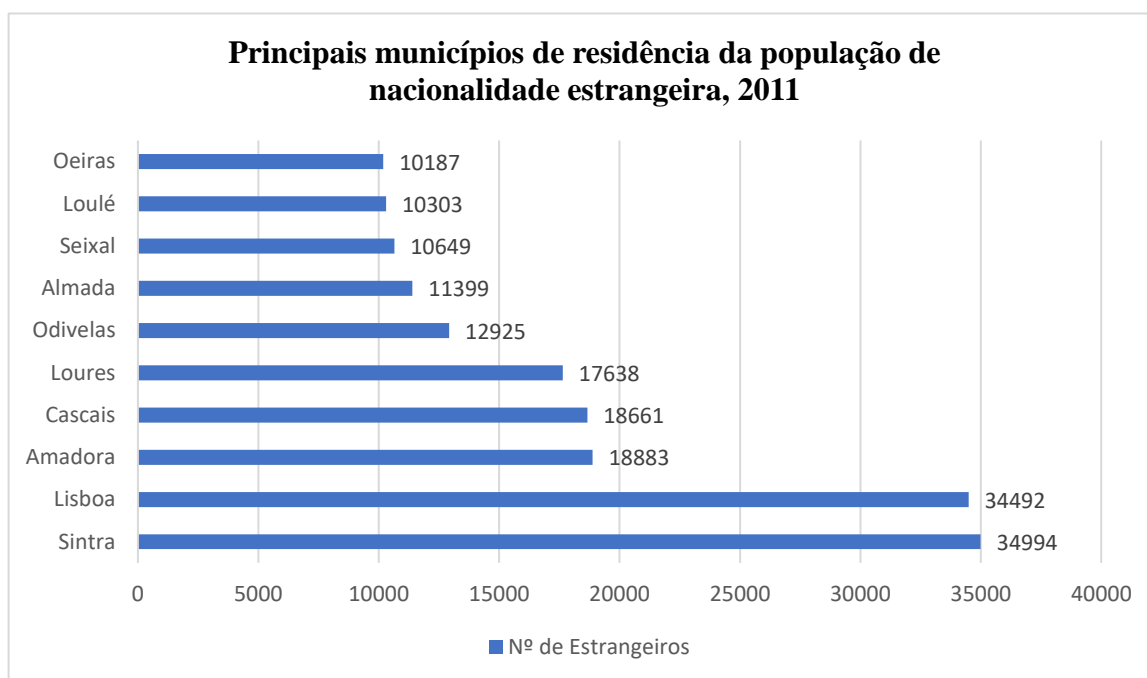


Tabela 1 Municípios portugueses com mais estrangeiros⁴

A evolução dos média do século XX funcionaram como motor impulsionador de uma maior aceitação das diferentes culturas. A partir do momento em que uma pessoa tem mais contacto com o que se passa fora da sua zona de conforto, mais aberto fica a novas ideias e costumes, passando assim de um estado de estranheza para algo que se sente como sendo familiar. Naturalmente existem países onde o multiculturalismo está mais presente, como é o caso da América do Norte, e o norte da Europa por serem zonas com economias mais fortes e deste modo serem mais atrativas.

Sem dúvida que a aprendizagem da língua é essencial para uma melhor integração numa nova sociedade. Verifica-se que adultos têm mais dificuldade na aprendizagem de uma segunda língua do que crianças que estão em contacto direto com a mesma língua, é também verdade que muitas mulheres, por causa de ficarem em casa quer a tomar conta dos filhos ou a tratar das tarefas domésticas, não aprendem a língua. E por estes motivos é que a interpretação é tão importante. De acordo com a seguinte diretiva podemos ver que Portugal garante o direito a interpretação em caso penal.

⁴ A população estrangeira em Portugal, Instituto Nacional de Estatística, 2012

“O direito à interpretação e tradução para as pessoas que não falam ou não compreendem a língua do processo está consagrado no artigo sexto da CEDH, tal como interpretado pela jurisprudência do Tribunal Europeu dos Direitos do Homem. A presente directiva facilita o exercício daquele direito na prática. Para o efeito, a presente directiva visa garantir o direito dos suspeitos ou acusados a disporem de interpretação e tradução em processo penal, com vista a garantir o respectivo direito a um julgamento imparcial.”

Diretiva 2010/64/EU do Parlamento Europeu e do Conselho de 20 de outubro de 2010

2.2. Inclusão numa sala de aula multicultural

As salas de aula têm vindo, cada vez mais, a sofrer alterações no que diz respeito à sua heterogeneidade cultural e linguística devido aos movimentos migratórios. Um professor pode confrontar-se com o facto de, na sala de aula, alguns alunos não o compreenderem nem conseguirem exprimir-se. Esta situação, cada vez mais frequente, desencadeia situações de *stress* tanto para os alunos como para os professores. Em momentos como estes a aprendizagem fica comprometida.

Os programas extensos das disciplinas não dão margem a que o professor possa disponibilizar mais atenção a estes alunos. Outro fator agravante é o número elevado de alunos por turma, tendo em conta que este tipo de alunos não tem direito a turma reduzida por não serem considerados alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) (Decreto-Lei n.º 3/2008, de 7 de Janeiro)⁵.

Na minha opinião isto é uma falha na legislação porque, embora a falta do domínio da língua não seja uma limitação permanente, ela é muito limitadora no processo de ensino/aprendizagem do aluno. Sem dúvida que numa turma com vinte alunos é mais fácil prestar apoio individualizado do que numa turma de trinta.

Segundo Wayne Thomas e Virginia Collier (1996), investigadores americanos no campo da aprendizagem de uma língua, os programas bilingues nem sempre são viáveis, principalmente quando as escolas recebem alunos de várias origens linguísticas. Eles consideram, portanto, que as escolas deviam ter as seguintes considerações para com os alunos:

⁵ http://www.inr.pt/bibliopac/diplomas/dl_3_2008.htm

- Dar-lhes mais tempo para desenvolver as aprendizagens da língua não materna e não apressar a sua passagem pelo pré-escolar através dos programas de apoio à língua.
- Providenciar mais serviços de apoio a alunos com pouca ou nenhuma frequência de escola que já estejam a frequentar fim do primeiro ciclo e segundo ciclo.
- Deve-se encorajar o uso da língua materna em casa. A leitura na língua materna deve ser cultivada. Convencer os pais a enviar os filhos para atividades extracurriculares e atividades de ensino de língua ao sábado. E se o agrupamento escolar tiver alunos suficientes, criem um programa de imersão bilingue ou bidirecional.⁶

Em Portugal o aluno estrangeiro é colocado numa turma de ensino regular, podendo usufruir de apoio à língua não materna fora do horário da turma ou ser retirado durante as aulas de português para aulas de português língua não materna. O despacho normativo nº7/2006 que tem como base o decreto lei nº 6/2001 de 18 de janeiro da flexibilização curricular, fornece uma base legal para os alunos de português língua não materna. (anexo nº2)

A questão que se coloca é se, de facto, é mais benéfico, para o aluno, ser inserido desde logo em contexto de sala de aula com a turma ou se beneficiaria mais com um ano de adaptação à língua. Na minha opinião existem prós e contras. A inserção do aluno na turma permite uma mais rápida socialização com os seus colegas e uma melhor familiarização com os costumes do novo país.

Em contrapartida, o aluno irá viver uma grande frustração por estar em sala de aula e não compreender os professores. A segunda situação permite um mais rápido desenvolvimento das competências linguísticas, mas o aluno acaba por ficar mais isolado, podendo levar a problemas de desenvolvimento emocional. Penso que aqui o papel do intérprete poderia fazer a diferença, uma vez que facilitaria a comunicação entre aluno e professor e com os encarregados de educação. O intérprete seria um ponto de referência importante para o aluno, com a sua cultura de origem e ao mesmo tempo faria a ponte entre as duas culturas.

⁶ http://www.everythingsl.net/in-services/_long_does_take_learn_english_55843.php

2.3. Inclusão de refugiados na sociedade

Relativamente aos refugiados, que mais recentemente têm chegado a Portugal, existe uma lei que ajuda na integração dos mesmos na sociedade portuguesa (lei 20/2006 de 23 de junho). Esta lei estabelece normas no que diz respeito ao acolhimento pessoas que peçam asilo no nosso país. Neste documento entende-se que um pedido de asilo é considerado como tal quando a pessoa em causa pede proteção por estar em fuga do seu próprio país, podendo as razões ser diversas.

No entanto, no documento não é contemplada a necessidade de um tradutor/intérprete durante o processo de acolhimento, fazendo-se apenas referência a um folheto informativo distribuído na língua que seja compreendida pelo requerente de asilo. Após extensa pesquisa das leis e diretivas, verifiquei que existe apenas o direito de serviço de tradutor/intérprete em processo penal, ao abrigo da diretiva 2010/64/UE.

Deste modo posso concluir que o problema da falha na comunicação no processo de acolhimento de refugiados não está a receber a devida atenção, algo que já foi apontado como uma necessidade de mudança.

De acordo com o artigo Refugees Need Translation Support in Europe (2015) no AFGHAN Translation Service, os recém-chegados refugiados têm provocado stress em várias áreas, embora a comunicação entre as partes não tenha sido um grande desafio, pelo facto de um elevado número de pessoas ser de uma classe média, ou pelo menos, de uma população letrada.

Grande parte dos refugiados/imigrantes falam o inglês, apesar de, naturalmente, facilitar o processo de acolhimento inicial, há ainda muito a fazer, como por exemplo a tradução dos documentos de identificação, diplomas, que se encontram na língua de origem e que frequentemente são difíceis de traduzir a nível profissional.

Quando a tradução é feita para o inglês é bastante fácil e direta, mas as autoridades locais podem preferir obter a tradução na língua do país anfitrião. Por exemplo, no caso da Áustria as autoridades locais exigem que os documentos estejam na língua alemã. Isto significa que o documento vai ser retraduzido para outra língua, podendo esta segunda tradução já não ser tão fiel ao original por ter utilizado o inglês como ponte.

Enquanto que as organizações não governamentais, como os Tradutores sem Fronteiras, têm estado ativas e fornecem um grande apoio, a AFGHAN Translation Service pensa que os

países europeus deviam ter uma legislação clara e definida acerca da tradução dos documentos de refugiados nas línguas dos países de acolhimento. Esse sistema ajudaria a lidar com a crescente necessidade de tradução de tal documentação e reduzirá quaisquer problemas com má tradução e margens de erro.

Este tipo de trabalho não devia ser realizado por qualquer pessoa que seja apenas proficiente na língua de partida e chegada, mas sim por um tradutor qualificado. No entanto, em Portugal, no número 3 do artigo 44º do Código do Notariado e nos números 1 e 2 do artigo 5º do Decreto-Lei n.º 237/2001 de 30 de agosto de 2001 pode ler-se que a tradução do documento será admissível se for realizada por qualquer uma das seguintes entidades ou profissionais:

- notários portugueses;
- consulado português no país onde o documento foi passado;
- consulado do país de onde o documento é proveniente em Portugal;
- tradutor idóneo que, sob juramento ou compromisso de honra, afirme, perante o notário, ser fiel a tradução;
- Câmaras de Comércio e Indústria;
- Advogados; e
- Solicitadores

Em contrapartida, a Alemanha tem uma associação profissional de tradutores e intérpretes BDÜ na qual os mesmos prestam juramento em tribunal o que prova que são especialistas com aptidão pessoal para traduções de âmbito judicial e notarial. Apesar de nem todos os serviços de tradução exigirem este tipo de tradutores, determinados documentos oficiais só podem ser traduzidos por membros desta associação.

De acordo com a AFGHAN Translation Service a crise dos imigrantes europeus não vai desaparecer facilmente ou em breve. As barreiras de tradução e língua continuarão a ser um desafio e os países de acolhimento devem encontrar formas de reduzir os seus custos, aumentar a seleção e avaliação dos recém-chegados por razões de segurança, e devem conseguir um significado mais exato dos documentos que os acompanham.

2.4. Aplicações criadas no âmbito de ajudar na inclusão através da tradução.

De modo a permitir, em algumas situações, uma melhor comunicação e difusão da informação, foram sendo criadas aplicações, cujo papel se tem tornado cada vez mais relevante. Alguns exemplos são:

2.4.1. Translation Cards

Durante uma viagem de avaliação na Macedónia, o Emergency Lab da organização UNHCR identificou a dificuldade de trabalhar com diferentes línguas como sendo um problema chave. O seu trabalho é o de difundir informação pelos refugiados e assegurar-se de que a informação transmitida é precisa, é crucial para a organização. Katie Drew, diretora da Emergency Lab, relata que são escassos os intérpretes que prestam ajuda nas comunicações entre os voluntários e as pessoas que falam Dari. Eram, portanto, necessárias soluções de forma a que chegasse informação correta e acessível aos refugiados e emigrantes numa língua que eles compreendessem.

Katie Drew explica que a Emergency Lab não queria estar a desenvolver algo que já se encontrasse disponível ou até criar algo mais complicado que o já existente. Através de uma série de informações recolhidas no campo chegaram à conclusão que os refugiados e emigrantes preferiam comunicar com os agentes humanitários da UNHCR cara a cara e que precisamente por causa disso, colocar mais sinais ou torna-los maiores não era uma solução. “More signs wouldn’t necessarily lead to more people reading them, especially taking into account differing literacy levels.” (Katie Drew, 2016), pois não significava que mais pessoas os iam ler, especialmente tendo em conta os diferentes níveis de alfabetização.

A Emergency Lab pensou na opção de ferramentas de tradução online, mas apesar de se conseguir aceder à internet na fronteira sul da Macedónia a conexão não é consistente e nem sempre é garantida. Outro problema era a qualidade das traduções “In addition, while online translation services are continuously improving – for example voice recognition for Arabic – there are still inconsistencies in translation.” (Katie Drew, 2016). Eles precisavam de algo mais concreto, funcional e de simples utilização, especialmente tendo em conta a importância da informação que pretendiam partilhar.

Em dezembro de 2015 a UNHCR deparou-se com a Mercy Corps que andava a ajudar voluntários da Google e mais tarde da ThoughtWorks a criar uma aplicação chamada Translation Cards. O conceito desta aplicação é o de permitir a criação e uso de flash cards

audiovisuais para que os refugiados possam ouvir uma frase previamente traduzida para sua língua. O Emergency Lab voluntariou-se para testar no terreno o uso da aplicação. Procedeu-se, portanto, à criação de card decks que são conjuntos de informação baseados nas perguntas mais frequentes realizadas quer por emigrantes quer refugiados. Foram também preparadas algumas questões chave que ajudariam a determinar a melhor maneira para ajudar os refugiados e a que serviços os direcionar. A organização Translators without Borders ajudou com as traduções para os diferentes decks.

A própria Katie Drew ajudou a testar a aplicação, uma vez que ela não falava nem árabe nem farsi, seria a pessoa perfeita para testar no terreno. Ela considerou que foi uma ótima experiência, o facto de conseguir começar uma simples conversação enquanto que sem a aplicação só conseguia conversar indiretamente. As pessoas respondiam com a cabeça e com gestos, ou dizendo o seu nome, o nome da língua que falam ou de onde eram. Ficou claro que as pessoas compreenderam as informações partilhadas, uma vez que as pessoas conseguiram demonstrar que receberam a documentação ou que já tinham um cobertor ou tomaram chá/café. No fundo, o maior benefício de ter a aplicação era que podiam ter a certeza que a informação tinha sido traduzida profissionalmente.

Katie Drew afirmou que “(...) we conducted a number of interviews with them to see how they perceived the App. The feedback was overwhelmingly positive (...)”, os refugiados e emigrantes diziam que a informação que estava a ser partilhada era muito útil e prática e abordava questões chave. Katie Drew deu também este exemplo, “One man from Afghanistan told me that it was the first time he felt ‘connected to the humanitarians’.”

A aplicação encontra-se disponível de graça na Google Play Store com um deck básico que inclui cumprimentos ou saudações, perguntas e informação.

2.4.2. Tarjimly

“Language barriers can make a refugee's long journey even more grueling, but a new app is getting them the translation help they need — wherever they are in the world.” (Matt Petronzio, 2017)

A ferramenta Tarjimly liga tradutores voluntários a refugiados e imigrantes que precisam de falar com médicos, trabalhadores humanitários, representantes legais e outros serviços cruciais num novo país. Ela funciona como um *bot* do Messenger do Facebook, permitindo

assim traduções em tempo real em qualquer smartphone. Refugiados e emigrantes têm apenas de mandar mensagem ao *bot* e escolher a língua e a partir daí a Tarjimly vai atribuir um tradutor à pessoa em questão, como podemos ver nas imagens abaixo.

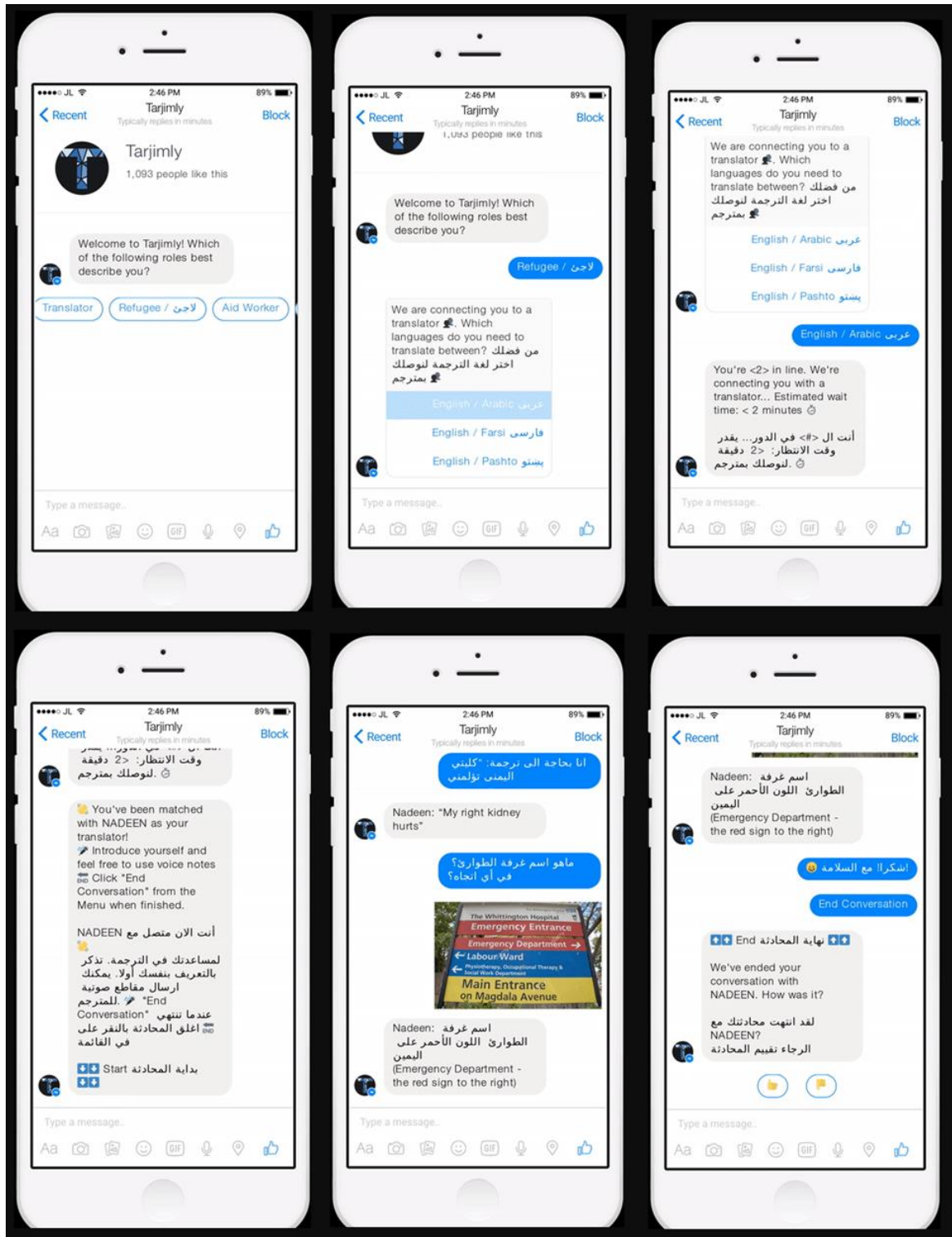


Figura 2 Processo de tradução na aplicação Tarjimly

Este bot enfrentou um problema muito real: segundo Matt Petronzio no início de 2017 havia 21,3 milhões de refugiados em todo o mundo, metade dos quais são crianças, todos a viajar por novos países.

O grupo que desenvolveu esta ferramenta consiste de três amigos muçulmano-americanos, graduados do MIT, aos quais a família foi afetada diretamente pela lei contra a imigração implementada por Donald Trump. Eles já fizeram voluntariado em campos de refugiado na Europa e aperceberam-se que noventa por cento do tempo passavam a fazer traduções em situações onde a comunicação era, muitas vezes, uma questão de vida ou morte.

Matt Petronzio cita o co-fundador de Tarjimly Atif Javed “It was a huge problem,” “We wondered if we could leverage the millions of Arabic and English speakers, and the millions of Farsi and English speakers, around the world and give them an opportunity to actually mobilize and help out.”

Como se pode ler numa publicação no Facebook pelo cofundador Atif Javed “While Trump bans immigrants and refugees, technology can help us stand together” era nisto que a equipa se queria focar, arranjar forma de ajudar pessoas através do uso da tecnologia.

E apesar de se pedir um nível coloquial, a ferramenta determina automaticamente a capacidade de tradução, e os melhores 50 a 100 tradutores serão os primeiros a ter acesso ao serviço. Existe um sistema de classificação que ajuda a eliminar os maus tradutores e a focar mais nos tradutores qualificados.

Refugiados e imigrantes têm o poder de terminar uma conversa a qualquer momento, e a enviar uma mensagem à Tarjimly para serem direcionados imediatamente a um tradutor diferente.

2.4.3. Bridge

An Xiao Mina, diretora de produto da ferramenta de tradução Bridge, começa por dizer que “As a frequent traveller, I find that one of the biggest challenges is communicating basic things with other people.”. Ela explica que por vezes o Google Translate acerta, mas como é que podemos ter a certeza? Refere ainda que a tradução automática em certas línguas consegue ser relativamente boa, mas quando se trata de árabe e farsi o resultado é inconsistente.

Com isto em mente a organização Meedan está a desenvolver a ferramenta Bridge para lidar com esta barreira linguística. Começaram já a fase de testes da sua capacidade para traduzir pequenos textos em aplicações de mensagem, é importante para eles que as pessoas não tenham que fazer o download de uma aplicação em separado. O próximo passo foi concluir quais eram as aplicações de comunicação mais utilizadas pelos refugiados, encontraram uma com a qual conseguiam programar a ferramenta, a Viber.

É um processo simples e nesta fase de projeto-piloto fechado estão a testar a eficiência da ferramenta em aplicações de mensagens, mas planeiam expandir o apoio prestado mesmo até em aplicações que permitem enviar fotografias e outros elementos chave.

Como podemos ver na imagem abaixo, a pessoa envia uma mensagem que pretende que seja traduzida para a ferramenta e o bot, neste caso, de inglês – árabe, envia a frase para tradução, enviando também uma mensagem de aviso de receção à pessoa que precisa da tradução.



Figura 3 Pedido de tradução e aviso de receção

Uma tradução realizada por pessoas aparece no Viber passado um curto espaço de tempo, aparece em texto e como uma imagem de um cartão. O cartão pode ser guardado para referências futuras.

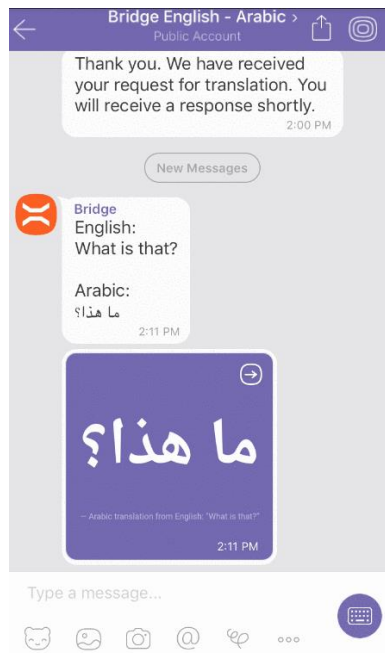


Figura 4 Envio da tradução

Esta ideia dos cartões é inspirada pela ferramenta Translation Cards, é um formato que ajuda a realizar comunicações ou avisos básicos nos campos de refugiados.

Meedan, juntamente com a MercyCorps e a Cisco Foundation, realizaram entrevistas a refugiados e trabalhadores humanitários sobre os desafios de tradução e como beneficiariam destas traduções simples e rápidas na ferramenta Viber. Em junho de 2017 estavam a realizar testes e a implementar a ferramenta, como por exemplo que frases é que são mais precisas, como agilizar o processo tendo em conta que quem está a exercer voluntariado num campo de refugiados está sempre muito ocupado.

Esperam que mais pessoas comecem a usar a ferramenta, especialmente por ser uma tradução feita por pessoas, pois algo em que eles acreditam é que por muito evoluída que seja a tecnologia as traduções humanas serão sempre mais fiáveis. “Bridge, as a tool for human translation and human annotation of that translation is a tool for context, a tool for understanding more deeply. This is why we think humans will always be important, regardless how good the technology gets.” (Ed Bice, 2017)

Capítulo 3 – Casos de Estudio

3.1. Introdução aos casos

Neste capítulo irei analisar casos de estudo de inclusão específicos de países como a Austrália, os Estados Unidos da América (EUA), a Alemanha e por fim Portugal. Estes países foram escolhidos tendo em conta os seguintes critérios: primeiramente, serem países com elevados números de imigrantes, como é o caso dos EUA e da Alemanha, a Austrália, que para além de ter um elevado número de imigrantes, despertou interesse por ser uma realidade pouco documentada aqui em Portugal. Por último, Portugal, por me facilitar uma abordagem mais prática dos temas abordados.

A leitura e reflexão dos casos apresentados têm como objetivo a compreensão das dificuldades vividas pelos tradutores e intérpretes, pelas pessoas que necessitam do serviço e as instituições onde estes serviços iriam ser aplicados, analisar os constrangimentos, as complicações, os erros que podem provir de uma tradução mal gerida, ou seja, perceber que não é só necessário um tradutor que domina a língua de partida e chegada, mas que também existem outras circunstâncias relevantes para o sucesso, como o *timing* e até mesmo o espaço.

A análise destes casos pretende permitir fazer uma comparação com o que é feito em Portugal e o que já é feito noutros países, para ver se estamos a acompanhar os tempos e políticas de mudança neste âmbito, e perceber qual o caminho a percorrer e formas de consciencializar os envolvidos.

3.2. Reflexão

3.2.1. Caso de Estudo 1 - Translating and Interpreting in Social Inclusion Symposium, RMIT Melbourne⁷

Na conferência sobre o tema de tradução e interpretação na inclusão social na Universidade RMIT de Melbourne a senadora Concetta Fierravanti-Wells salientou a importância do papel dos tradutores e intérpretes na sociedade atual. Segundo esta tradutores e intérpretes desempenham um papel importante na facilitação da comunicação e do acesso à informação

⁷ <http://www.formerministers.dss.gov.au/16954/translating-and-interpreting-in-social-inclusion-symposium-rmit-melbourne/>

aos membros da comunidade que não são proficientes no inglês. Considerou que os tradutores e intérpretes bem como comunidade em geral deve arranjar maneiras de encorajar não nativos do inglês a se tornarem mais eficientes no uso da língua. Ela referiu que governo australiano pretende alcançar a plena participação de todos os australianos na sociedade e economia.

O governo australiano comprometeu-se a atingir os princípios fundamentais de Acessibilidade e Igualdade, e através da Política de Acessibilidade e Igualdade Multicultural (Multicultural Access and Equity Action Plan 2016-17)⁸, procura garantir que os programas e serviços do governo australiano respondam às necessidades das comunidades multiculturais da Austrália. O governo pretende que todos tenham a oportunidade de aprender o inglês, mesmo os australianos que nasceram no estrangeiro e estão atualmente na Austrália.

No entanto, é reconhecido que aprender uma língua é processo moroso e as pessoas muitas vezes enfrentam barreiras para atingir uma proficiência na língua. Como explicam Thomas e Collier com o estudo realizado entre 1982 e 1996 em 700.000 aprendentes de inglês, a aquisição de um nível de língua equivalente ao dos nativos pode variar no sentido em que crianças de 8 a 11 anos com 2 ou 3 anos de aulas de língua materna, demoravam 5 a 7 anos a obter esse nível. Já os estudantes que não tinham escolaridade e que chegavam ao país com menos de oito anos demoravam 7 a 10 anos a obter um nível de proficiência no inglês. Deste modo Concetta Fierravanti-Wells considera que é crucial os serviços de língua estarem prontos para ajudar as pessoas com estas dificuldades, especialmente quando acabaram de chegar ao país.

No que toca à tradução e interpretação, Concetta diz que estes devem ser flexíveis e atender às necessidades emergentes, apoiar no realojamento e integração inicial, encorajar as pessoas a aprender inglês e ajudar a garantir que as pessoas mais vulneráveis recebam a ajuda de que precisam.

Como exemplo de um serviço de língua, destacou o Departamento dos Serviços Sociais da Austrália que fornece serviços de tradução e interpretação gratuitos a australianos não

⁸ https://www.dss.gov.au/sites/default/files/documents/04_2017/dss_mae_action_plan_2016-17.pdf

falantes de inglês durante os primeiros anos de residência no país para ajudar na comunicação com as organizações e serviços da comunidade.

A senadora concluiu, enquanto lidou com o setor de tradução e interpretação, que todos têm um papel a desempenhar no melhoramento dos serviços de língua e que tradutores, intérpretes, educadores, empregadores, instituições governamentais e não-governamentais, no fundo cada membro da comunidade tem o seu papel. Durante 2015 a senadora e o Departamento de Serviços Sociais da Austrália trabalharam num contexto multicultural mais abrangente no qual os serviços de tradução e interpretação operam, de forma a informar iniciativas políticas e programáticas.

Os que trabalham nos campos da tradução e interpretação são os primeiros a ter o contacto com a realidade migratória. A natureza dos padrões de migração pressupõe que as necessidades de serviços de língua sejam diversificadas e dinâmicas. Concetta Fierravanti-Wells terminou o seu discurso em Melbourne (2015) citando o tradutor Richard Pevear onde ele diz “O tradutor tem que fazer conscientemente o que o autor fez instintivamente. Mas tem que parecer que o fez instintivamente.” acreditando que esta citação capta a essência tanto da tradução como da interpretação. Traduzir e interpretar não são apenas uma transação de língua momentânea.

3.2.2. Caso de Estudo 2 - “Quick, someone call a translator!”: Communicating Within the European Refugee Crisis Response⁹

Vamos agora para a europa, mais precisamente para Lesbos na Grécia, onde existe uma grande afluência de refugiados não falantes de línguas europeias quer inglês ou mesmo o grego. Este é um exemplo de uma conversa que as pessoas têm com o primeiro contacto com a Gerente de Comunicações para a Resposta Europeia aos Refugiados dos Tradutores sem Fronteiras. Este caso dá-me a oportunidade de ver o que os que precisam do serviço de tradução estão à espera e o que realmente precisam.

⁹ <http://translatorswithoutborders.org/quick-someone-call-translator-communicating-within-european-refugee-crisis-response/>

- Eu: "Olá, eu sou a Lali, Gerente de Comunicações para a Resposta Europeia aos Refugiados dos Tradutores sem Fronteiras".
- Eles: "Olá!" (Muito animados) "Um tradutor! Isso é ótimo! Precisamos desesperadamente de árabe ... "
- Eu: "Não, eu não sou um tradutor ..."
- Eles: "Mas eu pensei que tinha dito que trabalha para ...?" (Perplexo)
- Eu: "Eu estou a coordenar as parcerias e a divulgar o nosso trabalho ..."
- Eles: "Ah." (Profundamente desapontado)

Lali (2016) explica que nesta resposta à crise, todos precisam de ajuda com tradução - e precisam disso imediatamente. A procura por tradução e interpretação é tão urgente e tão abrangente que ela teve esta conversa inicial (ou muito semelhante a isto) com refugiados, trabalhadores humanitários e voluntários. Nos centros de registro, nas reuniões, tendas, nos cafés e nas praias: ela considera que desiluiu muita gente nas ilhas de Lesbos.

Segundo Lali, basta trabalhar um dia (ou uma hora) como parte de qualquer resposta humanitária internacional, e a pessoa apercebe-se logo dessa desilusão. Existem momentos óbvios que salvam vidas (perceber que alguém precisa de um médico, dizer a uma criança que a água não é segura para beber) quando uma língua comum é a chave. Há também situações mais complexas (explicar regras e regulamentos, mediar entre as partes), que são extremamente difíceis mesmo sem uma barreira na língua. Tudo isto é uma realidade numa crise humanitária.

Mas todos os que trabalham no terreno concordam que as necessidades de comunicação, durante a resposta à crise europeia de refugiados, são especiais. Além disso, a comunicação é fundamental para esta resposta da crise de uma forma completamente nova para a comunidade humanitária internacional.

Lali afirmou que ouviu falar sobre isto, leu sobre isto, mas foi preciso ela ver (e ouvir) no terreno a crise para compreender o porquê de a comunicação ser central. Ela ainda se está a aperceber das dimensões dos enormes desafios de comunicação que todos estão a enfrentar,

como parte do papel que ela desempenha no projeto Words of Relief da TWB, continuará a fazê-lo. Embora no momento para Lali, os desafios são estes:

- A população de refugiados é linguisticamente diversificada
- Comunidade de acolhimento e população de refugiados não partilham a mesma língua
- Os refugiados estão se sempre a mover
- Eles precisam de informação atualizada

3.2.3. Caso de Estudo 3 - Interpretar para refugiados

Segundo dados recentes (BBC News, 2015) a Alemanha recebeu 1.5 milhões ao longo da crise de refugiados. De acordo com a página da Lingoking os serviços de interpretação são solicitados nas áreas do direito, procura de emprego, ou traduções de certidões, diplomas, relatórios médicos etc. No caso de se tratarem de marcações no âmbito do procedimento do pedido de asilo, por exemplo, esclarecimento a um doente antes de uma operação, este tem direito à cobertura dos custos do intérprete. Esta empresa emprega mais de 5.000 de tradutores e intérpretes, abrangendo 80 línguas.

A formação necessária para exercer as funções de um tradutor e intérprete pressupõe uma licenciatura certificada, experiência na área é desejável no sentido de assegurar uma melhor qualidade. Para além disso é vantajoso ter conhecimentos em diversas áreas, a destacar, direito e medicina.

Na Alemanha e nesta empresa, o intérprete compromete-se a atuar dentro dos seguintes princípios:

- Descrição
- Neutralidade
- Credibilidade
- Competências sociais e interculturais.

Outros aspetos a considerar são os pontos de vista sociopsicológicos. Os refugiados necessitam de intérpretes que não sejam só profissionais e proficientes da língua, mas que

também tenham empatia e sensibilidade para compreender melhor as experiências dos refugiados.

O intérprete não pode vacilar na sua neutralidade e pragmatismo para não criar falsas expectativas no decorrer de uma interpretação, pois não é o seu papel solucionar o problema, mas apenas estar lá como facilitador da comunicação. Este tipo de situação pode originar conflitos em ambas as partes.

Na Alemanha as línguas mais utilizadas nas traduções e interpretações são: o árabe, o curdo, persa, sírio, urdo e pashto, línguas e dialetos africanos, albanês, azerbaijanês, georgiano, checheno e birmanês. A diferença entre a procura e a oferta nestas línguas deixa muito a desejar pois não se encontra profissionais com proficiência nas mesmas.

3.2.4. Caso de Estudo 4 - Lost in Translation: Reaching Out to English-Language Learners¹⁰.

Neste caso é relatada a realidade das comunidades africanas e hispânicas nas escolas públicas da América e as dificuldades sentidas em lidar com esta tão rápida afluência de alunos estrangeiros.

O pedido veio uma semana antes da escola começar. Uma mulher de uma agência local de refugiados disse à Susan Mayberger, diretora dos programas de Inglês como Segunda Língua (ISL) das Escolas Públicas de Omaha, em Omaha, Nebraska, que noventa estudantes Bantu Somalianos, todos refugiados, iriam chegar dentro de dias.

“Nós não estávamos preparados”, disse Mayberger, cujo programa de ISL em Omaha dá assistência a 6.000 estudantes ISL, cerca de 89 por cento dos quais são falantes de espanhol. Sem surpresas, disse Mayberger, “nós não tínhamos ninguém no staff que falasse Somali”.

Já em dificuldades com os escassos fundos federais para estudantes ISL, Mayberger desenrascou-se, usando o dinheiro de uma concessão de refugiados para contratar um intérprete local para traduzir para as famílias. Entretanto, os seus professores usavam a internet para aprender mais sobre a Somália. Muitos dos alunos prestes a chegar nunca tinham pegado num lápis ou num livro, disse Mayberger. A outros, tinham morto os pais.

¹⁰ <https://www.edutopia.org/english-second-language>

“Alguns tiveram experiências horrendas”, disse ela, acrescentando que as suas expectativas, particularmente com as crianças mais velhas, tinham de ser humildes. “O meu objetivo é de lhes dar inglês suficiente para arranjam um trabalho, para sobreviverem”.

O influxo de aprendizes da língua inglesa (ELLs) nas comunidades por toda a América criou desafios novos e sem precedentes para diretores e professores, muitos já com problemas com as salas de aula sobrelotadas, orçamentos reduzidos e standards de performance rigorosos para os seus alunos. Ondas de imigração, em tempos limitadas a grandes cidades como Nova Iorque, Miami e Los Angeles estão agora a chegar aos subúrbios da nação, às maiores cidades do Sul e a regiões do centro, trazendo com eles crianças cujas necessidades vão muito além de problemas com a língua, para problemas de pobreza e falta de estabilidade, muitas vezes associado ao salário mínimo e ao emprego migratório.

No entanto, mesmo quando os educadores reconhecem a necessidade de melhor acomodar os estudantes de ELL nas escolas da nação, um debate contencioso sobre como melhor educar estes estudantes tem crescido e esta luta política está longe de acabar. Para além disso, enquanto se está a pesquisar e rever os prós e contras da educação bilingue versus a imersão na língua inglesa, atuais e futuros professores têm poucas oportunidades de treinar qualquer uma das abordagens antes de se verem cara a cara com turmas cheias de crianças que não percebem o que os adultos nas suas salas de aula estão a dizer.

Felizmente, alguns distritos e algumas escolas tem encontrado maneiras de lidar com sucesso com salas de aula multilingue, usando técnicas que vão desde estender o ano escolar e adicionar programas depois do horário escolar para implementar programas de aprendizagem baseados na fonética. Outras escolas aproveitaram recursos comunitários – e não só para apoio educacional.

As crianças de exílios políticos e refugiados de guerra representam uma grande variedade de estudantes de inglês, entre eles cambojanos, de etnia hmong, sudaneses e vietnamitas. As escolas em Randolph, Massachusetts, um subúrbio de Boston, têm mais de cinquenta falantes haitianos nas suas salas de aula, enquanto que uma das maiores populações de refugiados Hmong, que imigraram do Laos após a Guerra do Vietname, vivem e frequentam a escola em Fresno, Califórnia. Os falantes nativos de cantonês, coreano e russo podem também ser encontrados nas salas de aula do país, onde os falantes de espanhol ainda representam uma grande maioria - 80% de todos os estudantes de ELL de escolas públicas. No total, cerca de um em cada cinco alunos em escolas públicas vive numa casa em que o

inglês não é a língua principal e mais de 460 línguas estão representadas nas salas de aula do país.

Ao mesmo tempo que eles lutam com uma barreira linguística, a maioria dos estudantes de ELL lida com discrepâncias de rendimento e realizações. De acordo com um estudo do Programa de Estudos de Imigração do Instituto Urbano, as competências limitadas de inglês são altamente correlacionadas com a pobreza e outras dificuldades. Além disso, conclui o grupo de defesa da diversidade, California Tomorrow, mais de metade dos estudantes imigrantes mostram eventuais padrões de insucesso: quanto mais tempo estiveram nos Estados Unidos, dizem os investigadores, menor é a sua média, mais limitadas são as suas aspirações de vida e carreira, e maior a taxa de abandono escolar.

Em muitos estados, uma melhor formação para professores chega apenas depois de as escolas estarem sobrecarregadas com estudantes de ELL. Joy McLaughlin foi levada para as escolas públicas Asheboro, Carolina do Norte, há quatro anos, para ajudar a treinar professores em ISL depois de a população de língua espanhola ter começado a subir. Cerca de 18 por cento dos 4 mil alunos do distrito de Asheboro estão a aprender inglês e, embora o estado não o exija, McLaughlin, diretor do programa de limited-English-proficiency (LEP), leva dois ou três professores voluntários de cada escola e fornece quarenta horas de formação ao longo de um ano.

A estratégia está a funcionar, diz McLaughlin. "As crianças que saem do programa ISL estão a superar os alunos regulares" em testes estatais, acrescenta ela.

Muitas vezes, é a ideia de testes comuns que causam receio em muitos professores com grandes números de estudantes ELL nas suas salas de aula. De acordo com o No Child Left Behind Act (NCLB), aprovado em 2002, as escolas públicas têm até 2014 para mostrar o progresso anual adequado para todos os alunos em matemática e inglês. Distritos que não conseguem fazer o progresso necessário estão sujeitos a sanções, independentemente de quantos estudantes não conheçam a língua dos testes. Professores de crianças ELL argumentam que esses alunos são testados prematuramente, especialmente quando há pouca disponibilidade de financiamento ou suporte federal para prepará-los para a experiência.

Mas os professores também discordam sobre a abordagem mais eficaz para o ensino de inglês. Alguns educadores ainda favorecem a educação bilíngue, o que exige o ensino de temas fundamentais nas línguas nativas dos estudantes enquanto eles aprendem inglês. No

entanto, essa abordagem está a perder impulso, à medida que mais escolas escolhem manter as salas de aula apenas em inglês. Neste momento, cerca de 75 por cento das escolas públicas com alunos LEP oferecem programas de ISL, em comparação com 36 por cento para programas bilíngues. (Um terço das escolas com alunos ELL usam ambas as abordagens, daí o total de mais de 100%).

Os defensores da imersão no inglês citam desenvolvimentos na Califórnia e no Arizona como prova para o seu argumento. Ambos os estados, que efetivamente acabaram com grande parte da educação bilíngue com propostas aprovadas nos últimos anos, elevaram os resultados dos exames no NCLB este ano. "O principal problema com as crianças em programas bilíngues é que elas não aprenderam inglês", diz Rosalie Porter, ex-diretora de programas bilíngues e ISL para as escolas públicas de Newton, em Newton, Massachusetts, e defensora da Proposta 227 na Califórnia (e um de seus redatores), o que deu um impulso ao movimento English-only. "Eles foram segregados. Demorou uma eternidade para convencer os educadores de que não estávamos a fazer o trabalho para as crianças".

Aqueles que defendem programas bilíngues argumentam que focar no inglês, enquanto se perde terreno noutros temas, é um desastre a longo prazo para muitos estudantes. "Não devemos simplesmente descartar essas habilidades nativas na nossa ânsia para educar as crianças", diz James Crawford, diretor executivo da Associação Nacional de Educação Bilingue. "A educação bilíngue é muito mais eficaz do que meter crianças num programa de ou nada ou afogas ou um English-only".

3.2.5. Caso de Estudo 5 - Complicating Translation: Children with Refugee Status and Special Education Testing¹¹

No que diz respeito a este caso achei interessante a relação estabelecida entre a falta de competência linguística com a necessidade educativa especial. Sabendo que as necessidades educativas especiais existem para casos específicos de deficiências mentais ou físicas, não é possível comparar este tipo de problemática com uma situação temporária incapacitante como é o caso do não domínio da língua. Atendendo a que os intérpretes nem sempre estão

¹¹ <http://www.journal.nystesol.org/july2014/25lester.pdf>

presentes em todas as reuniões, como poderemos ver mais à frente, podem ocorrer problemas de comunicação que resultam em diagnósticos e encaminhamentos errados destes alunos.

Existem mais de 250 famílias do Burundi a morar atualmente em Riverhill. De 2007 a 2009, os Estados Unidos começaram a realojar aproximadamente 9 mil burundianos. Devido a que as políticas de realojamento de refugiados nos Estados Unidos exijam que eles sejam redistribuídos por várias cidades dos EUA, muitos burundianos foram realojados em diferentes regiões do país. Antes do reassentamento nos Estados Unidos, os refugiados burundianos viviam em campos na Tanzânia após anos de fuga por toda a região dos Grandes Lagos da África.

Para a maioria dos burundianos em Riverhill, os Estados Unidos já eram o seu terceiro país de realojamento. Embora muitos cresceram a falar Kirúndi, Swahili e Francês, poucos falavam inglês quando chegaram. Poucos meses após a sua chegada, os adultos burundianos descreveram os desafios de ter pouco ou nenhum acesso a aulas de inglês, emprego precário e reuniões de escola sem tradutores.

Para além disso, Riverhill era uma cidade predominantemente monolíngue, branca, com poucos recursos para famílias com estatuto de refugiado. Os administradores do departamento de saúde pública, o sistema escolar público e a organização regional de realojamento (Greenland Co-Sponsorship e Refugee Services) não estavam preparados para oferecer ajuda (Anders & Lester, 2014; Lester & Anders, 2013).

Existia animosidade entre administradores do departamento do Ensino de Língua Inglesa e professores do sistema de escolas de Riverhill County (RCS) e diretor e staff da Greenland, uma organização ecuménica sem fins lucrativos que realojava pessoas com estatuto de refugiado na área. Um grupo de professores e administradores reuniu-se com representantes do estado para tentar encerrar a Greenland para que a organização não pudesse realojar mais famílias com estatuto de refugiado na região.

Na realidade, tanto as escolas como a organização de realojamento careciam de recursos e pessoal. Os diretores e professores sem qualquer formação, desenvolvimento profissional ou recursos, inscreveram crianças do Burundi nas suas escolas. Por exemplo, "... um professor de inglês de segunda língua (ESL) encontrou um dicionário de língua inglesa na Internet e imprimiu para que ela pudesse começar a comunicar com seus alunos " Lester e Anders (2013). Subfinanciada, com recursos insuficientes e falta de pessoal, a Gronelândia dependia

fortemente de patrocinadores, um grupo de cinco a 15 indivíduos, muitas vezes de uma igreja local, para ajudar no processo de realojamento. Infelizmente, a maioria das famílias burúndias chegou sem financiadores. Nessa situação, um gestor de casos da Greenland tornou-se o único ponto de contato das famílias.

Ao mesmo tempo, os pais eram solicitados a avaliar se eles podiam ou não confiar na ajuda que lhes era descrita para os seus filhos, enquanto se questionavam se eles seriam ou não ameaçados por colocar questões que possam desafiar a autoridade dos profissionais brancos. Atuando a partir de posições de medo e reação obrigatória a avaliações ocidentais, brancas e de classe média, os pais e crianças burundianos foram submetidos a um sistema que muitas vezes levou a opções educacionais que acabaram por ser de ambiente de exclusão.

Em duas situações de dois alunos oriundos da mesma etnia com as mesmas dificuldades de integração foram tomados dois caminhos diferentes com resultados completamente diferentes.

Embora os papéis dos pais, filhos, advogados, tradutores e especialistas tenham sido fundamentais em cada incidente, as formas em que cada um desses incidentes aconteceram foram diferentes. Especificamente, as diferenças entre os psicólogos e as formas em que as perspectivas de anormalidade foram interpretadas e implementadas levaram a resultados finais drasticamente diferentes.

O estatuto de refugiado, a aquisição de língua, as políticas institucionais e as práticas da RCS e dos Global Elixirs cruzam-se na experiência cotidiana das famílias do Burundi. No entanto, é importante notar que, apesar de todos os profissionais envolvidos terem estado sujeitos às mesmas regras que originaram uma resposta obrigatória - e aqui isso significava respostas que tomaram a forma de avaliação da experiência de uma criança - na prática quotidiana, eles tomaram duas decisões muito diferentes.

Os efeitos dessas decisões não podem ser exagerados. Num caso, uma criança foi colocada numa sala de aula não inclusiva, identificada como "perturbada" e "incapacitante de aprendizagem", apesar do progresso da linguagem e do desempenho do nível de classificação em matemática e do fracasso do psicólogo em avaliar a sua língua nativa. No outro caso, a criança precisava de mais tempo e apoio emocional para processar a sua experiência de realojamento e viajar por uma nova sociedade e língua sem a presença do seu pai.

Os advogados assumem a responsabilidade de atuar como tradutores acadêmicos, burocráticos, culturais e geopolíticos durante o processo de teste e colocação de formas que podem ajudar um tradutor linguístico local. Além disso, convidaram professores, educadores especiais, diretores e psicólogos a integrar atenção, cuidado e processos experimentais nas suas decisões diárias sobre testes para a educação especial, particularmente quando as diferenças de língua impedem a comunicação em um dialeto compartilhado e, portanto, forçam a tradução. Embora, como dizem Jessica Lester e Allison Anders (2014), educadores e especialistas estejam sujeitos a discursos profissionais, as respostas e os enunciados desses discursos na interseção da linguagem e da categoria de deficiência exigem atenção atenta e reflexão crítica.

A transição para um novo país de residência foi descrita como um processo difícil para muitas pessoas com estatuto de refugiado, particularmente crianças. Embora investigadores e agências governamentais tenham documentado as características e necessidades únicas das pessoas com estatuto de refugiado, particularmente refugiados adultos, a investigação é consideravelmente menor para com as interações e experiências cotidianas que influenciam a transição de crianças com estatuto de refugiado.

Este caso mostrou-nos que o intérprete deve ser detentor de conhecimentos não só linguísticos, mas também acadêmicos, burocráticos, culturais e geopolíticos, que permitam realizar um trabalho mais profissional e satisfatório para os que dependem desse serviço. Embora seja desejável que isto aconteça tenho que reconhecer que a formação inicial de um intérprete/tradutor não é direcionada para todas essas áreas, colocando o maior relevo na produção e interpretação da língua.

3.2.6. Caso de Estudo 6 – formação de professores bilingues

Em 2015 a Alemanha já tinha registado 1.1 milhões de refugiados no seu território. O elevado número de crianças refugiadas que passaram a frequentar as escolas alemãs colocou novos desafios aos educadores. O governo alemão tentou combater a problemática com uma chamada ao serviço de professores reformados para apoiarem as escolas, no entanto, as associações de professores, pediram intérpretes para as escolas, alegando que os apoios são insuficientes (Kreizeitung, 2015). Estes serviços de interpretação ainda são uma exceção em

muitos estados na Alemanha. No estado da Renânia do Norte-Vestfália, intérpretes são disponibilizados nas escolas para reuniões de pais, quando solicitados, mas também para acompanhar os refugiados em serviços públicos e em hospitais. A SpRintpool, que fornece este serviço, tem em média quarenta ações por semana em trinta e duas línguas. Projetos como estes são ainda raros.

Recentemente a Universidade de Bielefeld criou um programa no qual oferece um curso de um ano a refugiados com formação de professor. Atendendo que a Alemanha está atualmente com falta de licenciados em educação segundo o artigo de Fokken (2017), a Universidade viu uma oportunidade para solucionar duas situações problemáticas. A primeira, a falta de professores e a segunda as salas de aula com alunos de diferentes etnias que com um professor de apoio bilingue poderiam beneficiar. O curso iniciou em setembro deste ano e candidataram-se 270 pessoas para as 26 vagas. Os professores escolhidos são provenientes da Síria, Guiné, Afeganistão, Arménia, Iraque, Irão e Paquistão.

No final da formação os professores terão habilitação para se candidatarem a um lugar de professor substituto nas escolas da Renânia do Norte-Vestfália. Os participantes já tinham tido experiência como professor no seu país de origem e com formação académica correspondente, para além disso têm de ter uma proficiência no alemão de nível B2. No início do ano letivo é-lhes dado um curso intensivo da língua, mas também são familiarizados com o sistema educacional e estagiam com frequência nas escolas. Entre os candidatos aceites encontram-se 15 homens e 11 mulheres. No final do curso receberão um certificado.

Como é óbvio este programa já obteve reações negativas por parte da população pois acha insuficiente um curso de apenas um ano e criticam o facto de serem todos provenientes de países muçulmanos onde a diferença cultural é tão grande. As opiniões a esta publicação são unânimes em afirmar que o mau domínio da língua é um obstáculo na educação.

Acredito que a utilização de professores bilingues no ensino básico, principalmente no primeiro ciclo, pode ser muito vantajoso para os alunos que não têm proficiência na língua lecionada e cujo passado recente tenha sido marcado por experiências traumáticas. Contudo esta iniciativa não exclui a importância de haver um intérprete nas escolas para apoiar e promover uma mais rápida inclusão tanto dos alunos como dos encarregados de educação.

3.3. Análise global dos casos de estudo

	Papel da tradução	Resultados do seu uso	Outras observações
Translating and Interpreting in Social Inclusion Symposium, RMIT Melbourne	Flexibilidade; Atender às necessidades emergentes; Apoiar na integração.	Ser uma resposta às necessidades das comunidades multiculturais.	Departamento dos Serviços Sociais da Austrália fornece serviços de tradução a não falantes durante os primeiros anos de residência.
“Quick, someone call a translator!”: Communicating Within the European Refugee Crisis Response	Explicar regulamentos; Mediador.	Salvar vidas.	Serviços de tradução escassos.
Interpretar para refugiados	Apoio jurídico e profissional.		
Lost in Translation: Reaching Out to English-Language Learners.	Traduzir para as famílias; Traduções na escola.	Minimizar as dificuldades sentidas. Maior sucesso escolar.	Aumento de verbas.
Complicating Translation: Children with Refugee Status and Special Education Testing	Facilitação da comunicação escola-família.	Uso insuficiente resultou na inclusão na educação especial.	
Matar dois coelhos com uma cajadada	Apoiar as escolas que receberam refugiados. Acompanhar refugiados em serviços públicos e em hospitais.	Melhor integração escolar. Acessibilidade de diferentes serviços.	

3.4. Reflexão sobre uma experiência pessoal

Durante o mês de Abril realizei o curso CELTA onde aprendi a lecionar inglês como segunda língua. Numa primeira fase do curso tive a oportunidade de conhecer melhor os alunos que ia lecionar para tentar perceber as suas expectativas em relação ao curso, o porquê de o estarem a frequentar, as suas dificuldades linguísticas e também o tipo de exercícios que gostavam de realizar nas aulas.

Uma grande parte dos alunos estava a frequentar o curso para melhorar o seu inglês e ficar a trabalhar em Inglaterra, mas existiam também alunos que queriam voltar para o seu país e arranjar trabalho com melhores condições, algo que só conseguem com alguma fluência no inglês. A maioria dos alunos já tinha um elevado nível de escolaridade, à exceção de dois ou três alunos mais velhos, que só tinham escolaridade básica quando foram para a Inglaterra e agora precisam de melhorar ou aprender o inglês para arranjam trabalho.

Nas duas primeiras semanas lecionei alunos de nível superior-intermédio, ou seja, entre B1 e B2. Nesta primeira fase não me deparei com grandes problemas apesar de ter uma turma com 13 alunos onde muitos, senão todos, de nacionalidades diferentes, entre os quais Japoneses, Colombianos, Italianos e Brasileiros.

Conseguia atingir um nível razoável de aprendizagem, uma vez que a capacidade de compreensão destes alunos já era bastante elevada. Ainda assim houve uma ou outra situação onde tinha de prestar uma atenção mais personalizada a determinados alunos, por não terem um nível tão elevado ou por estar a ensinar um conceito que lhes era simplesmente desconhecido na sua língua materna.

Nas duas semanas seguintes o nível dos estudantes baixou imenso. Era uma turma onde 90% dos alunos eram iniciantes e os restantes 10% não tinham um nível superior a A2. Todos os alunos eram de países asiáticos por isso o inglês era a única língua com a qual conseguíamos comunicar. Muitas vezes, durante a aula, era necessário recorrer a tradutores automáticos para encontrar palavras equivalentes nas diferentes línguas maternas dos alunos. Foi aqui que me apercebi o quão bom seria ter um intérprete que conseguisse interpretar para todas as línguas que os meus alunos falavam. Encontrar um intérprete assim é praticamente impossível e a outra opção, que seria arranjar um intérprete para cada língua, simplesmente não seria funcional, nem viável.

No contexto de ensinar uma língua não faz muito sentido haver um intérprete dentro da sala de aula, pois o objetivo é que os alunos pratiquem a língua que está a ser lecionada. No entanto consegui perceber as dificuldades que os professores mencionados na minha dissertação sentiram e sentem quando têm de ensinar alunos que não têm qualquer ou quase nenhum conhecimento da língua que está a ser utilizada na sala de aula.

Algo que também descobri através desta experiência é que escolas como esta que eu frequentei, a Teaching House at OHC, proporcionam aulas de inglês de todos os níveis, de forma mais ou menos gratuita, no sentido de que se tem de pagar uma entrada que depois será devolvida se o aluno for assíduo. Uma iniciativa muito boa para ajudar estrangeiros que cheguem ao país com pouco ou nenhum conhecimento da língua e sem grandes meios para se inscreverem em escolas.

3.5. Entrevistas.

3.5.1. Entrevistas a ex-emigrantes

Com o intuito de saber que estratégias eram utilizadas na década de 60, quando uma elevada onda de emigrantes se dirigiu para França e Alemanha como podemos constatar no estudo de Antunes (1970). Neste sentido entrei em contacto com duas pessoas que passaram por essa experiência em idades diferentes.

No primeiro caso entrevistei uma mulher que foi levada para a Alemanha com dezasseis anos de idade. Em Portugal tinha apenas concluído o ensino primário e começou logo a trabalhar mal chegou ao país de acolhimento. Na altura proporcionavam aulas noturnas do ensino da língua alemã aos imigrantes, as quais ela frequentou. A entrevistada reconhece que realizou poucas aprendizagens e nunca obteve um domínio razoável da língua, serviu só para comunicar minimamente.

Quanto à segunda entrevistada a integração no país foi feita com seis anos de idade. Durante o primeiro ano contactou com a língua através de vizinhos, não tendo frequentado o ensino pré-primário. Aos sete anos passou a frequentar o primeiro ciclo, com aproveitamento

satisfatório. Atendendo que era a única criança na área de residência de um considerável grupo de portugueses, ela acabou por ser solicitada para fazer interpretações da língua alemã em situações de procura de emprego, arrendamento de casa e consultas médicas.

A entrevistada recorda que não era tarefa na qual se sentia à vontade e hoje reconhece que nem estaria apta para lidar com assuntos daquela natureza. A falta de recursos nessa área obrigou os imigrantes a recorrerem a pessoas mais jovens com uma maior proficiência da língua pois a maioria nunca chegou a atingir um domínio aceitável da língua estrangeira, como foi o caso dos pais da entrevistada. A segunda entrevistada acrescenta ainda que, infelizmente, este tipo de recurso precário ainda é utilizado em quase todas as situações da sociedade. Os adultos continuam a recorrer aos filhos para os ajudarem em diferentes situações do quotidiano.

Na sua opinião, este tipo de experiências obrigou-a a crescer antes do tempo, porque em vez de estar a brincar com os seus pares, acompanhava adultos, que por vezes mal conhecia, a situações de que nada sabia.

3.5.2. Entrevistas a docentes do Agrupamento de Escolas D. Afonso Sanches

O Agrupamento de Escolas D. Afonso Sanches recebe o maior número de alunos chineses, por se encontrar na área de residência dos mesmos. Atualmente encontram-se 20 alunos matriculados em escolas de primeiro, segundo e terceiro ciclos e secundária. Neste grupo de alunos e de acordo com as entrevistas efetuadas, existem grandes oscilações nas competências linguísticas da língua portuguesa. Apesar de alguns alunos chineses terem nascido em Portugal, alguns pais optam por enviar os seus educandos para familiares na China, onde frequentam durante alguns anos a escola. Esta situação dificulta a integração na escola portuguesa.

Entrevista realizada a uma diretora de turma que dá aulas a alunos chineses.

A direção de turma da docente em questão tem três alunos chineses, dos quais um tem uma boa proficiência no português, um outro aluno que apenas compreende algumas frases e uma aluna que não tem qualquer domínio da língua.

Destes três casos aprofundamos na entrevista a história de vida da aluna XY. Nascida em Portugal em 2005, XY regressou a Portugal em 2017, após ter concluído a instrução primária na China. O ano letivo já estava a decorrer quando a aluna foi colocada numa turma de 6º ano, devido à sua idade. XY teve que lidar com várias situações novas: a convivência com os pais, pois tinha sido criada pela avó, colegas e professores novos e uma língua que não compreendia. A comunicação era feita através de gestos e recorrendo a um aluno chinês com boa proficiência na língua portuguesa. A XY teve momentos de recusa na realização de tarefas e os professores toleravam porque compreendiam a sua frustração.

Os contactos telefónicos com a encarregada de educação resumiam-se a um pedido por parte da diretora de turma para que a mãe se deslocasse à escola. A reunião com a encarregada de educação foi realizada com uma pessoa amiga que falava algum português. A diretora de turma ficou com a impressão de que nem toda a informação foi compreendida e reconhece que um intérprete teria feito toda a diferença. Segundo esta professora, não se compreende que em Vila do Conde não exista esse recurso nas escolas, pois o número de alunos chineses é significativo e merecia alguma atenção por parte do Ministério da Educação.

A docente acredita que um intérprete deveria estar em contexto de sala de aula na chegada de alunos não falantes, até se registar uma melhoria na proficiência da língua. Isso iria ajudar na integração e assim facilitar a comunicação e compreensão das instruções dadas nas diferentes disciplinas. Os encarregados de educação, que raramente vêm à escola, estariam mais à vontade para reunir com os professores e diretores de turma. A docente referiu que a comunidade chinesa se colocou, ao longo dos anos, um pouco à margem da sociedade portuguesa. Tendo promovido encontros informais com as mães dos alunos da sua turma na época de Natal (um chá) e no Dia da Mãe, constatou que nenhuma das mães dos seus três alunos chineses compareceram.

Numa outra entrevista realizada a uma docente que lecionou Português Língua Não Materna, obtive os seguintes comentários:

As aulas de PLNM eram lecionadas fora do horário da turma (dois tempos letivos) e os alunos eram apoiados independentemente da sua proficiência na língua portuguesa. O grupo heterogéneo não permitia atingir muito sucesso e o facto de não ter qualquer conhecimento da língua e pouco contacto com a cultura em questão dificultou o trabalho prestado. O facto de as aulas terem funcionado no turno contrário também não promoveu uma frequência assídua a estas aulas.

A docente é de opinião que os professores não têm formação adequada para trabalhar com estes alunos, dependendo da sua boa vontade o aprofundar da cultura para melhor os compreender. Quando questionada sobre a sua opinião quanto à utilização de intérpretes no agrupamento, a professora teve uma posição favorável quanto à integração destes técnicos na sala de aula e em outros contextos escolares. Referiu que a cultura em causa está muito afastada da nossa realidade e deveria haver alguém que ajudasse o corpo docente, técnicos de ação educativa e alunos a compreender melhor as características sociais, culturais e linguísticas.

Realizei uma terceira entrevista ao professor de PLNM deste ano letivo. O docente referiu que o agrupamento este ano optou por criar turmas de PLNM, isto é, os alunos são retirados durante as aulas da disciplina de Português e recebem ensino da língua numa sala diferente. Segundo o professor esta situação tem vantagens e desvantagens, sendo que uma das vantagens é o facto de não terem uma sobrecarga horária e favorecer um melhor ritmo de trabalho à turma por o professor da disciplina de Português não ter de despende atenção aos alunos chineses. Uma crítica apontada é a heterogeneidade dos grupos que leciona. A divisão é feita por anos e não por competências linguísticas, podendo prejudicar os alunos que ainda estão no início da aprendizagem da língua bem como desmotivar os que já tem uma maior proficiência no português.

Questionado sobre a necessidade de um intérprete nas escolas, o docente defendeu claramente a utilização de um serviço como este, pois acredita que, assim como há necessidade de intérpretes de língua gestual nas escolas, também deveriam contemplar alunos que não conseguem comunicar na língua do país de chegada.

De acordo com estes dados recolhidos junto do Agrupamento de Escolas D. Afonso Sanches apercebi-me de alguma ansiedade e frustração junto do corpo docente por não poderem prestar um melhor serviço a esses alunos. Os professores entrevistados afirmaram que a maioria dos alunos chineses são extremamente esforçados e motivados, não conseguindo obter melhores resultados por falta de um apoio mais consistente na língua portuguesa. Todos apoiaram a ideia de um intérprete nos diferentes ciclos de ensino tanto na sala de aula como em reuniões e conselhos de turma.

3.6. Reflexão comparativa

Após a análise dos casos por mim apresentados decidi debruçar-me com mais atenção sobre eles e tentar encontrar pontos de aproximação ou afastamento em relação à realidade apresentada pelas minhas entrevistas. Naturalmente tive em conta que os casos relatados não se encontram muito afastados a nível temporal, mas a nível geográfico e cultural sim.

Sem dúvida que ficou bem claro que a língua é uma barreira quando não é dominada pelas partes que se relacionam, criando situações de ansiedade e frustração. Em todos os casos se sentiu e sente a necessidade de um tradutor ou intérprete, de modo a solucionar problemas impostos pela falha na comunicação. No entanto verificou-se que lacunas na utilização deste serviço, muitas vezes levou à não resolução de problemas ou à má gestão das soluções disponíveis. A utilização deste tipo de serviço não pode ser esporádica, mas sim regular, de modo a não dar espaço a erros de comunicação.

Embora tenha havido sempre emigrantes e refugiados com necessidade de ter acesso a tradução e interpretação, atualmente é uma problemática mais pertinente por estarmos a viver uma crise humanitária de elevadas dimensões que levantam estas questões.

Independentemente das realidades, sejam elas de emigração ou refugiados, o papel do tradutor/intérprete é preponderante. A sua atuação é facilitadora na integração de comunidades multiculturais, é determinante em escolhas que possam ser feitas para o futuro das pessoas envolvidas e minimizadora das dificuldades sentidas por pessoas em momentos de ponto de viragem das suas vidas.

Dos casos apresentados destaco o mau encaminhamento de um aluno a nível escolar por falta de acompanhamento do intérprete nas reuniões com os encarregados de educação e a escola. Se tivesse havido, durante este processo, um acompanhamento constante não teria existido falha de comunicação, o que pode sempre comprometer o futuro do aluno em questão.

Comparativamente, constatei que em Portugal, os alunos estrangeiros nem beneficiam sequer de um acompanhamento esporádico, ficando a sua inclusão uma pouco à mercê da disponibilidade financeira dos familiares, ou bem como da sua capacidade de consciencialização para a necessidade de facilitar a inclusão dos seus educandos.

Embora haja a possibilidade da ocorrência de erros na tradução/interpretação são mais as vantagens da utilização de um intérprete do que as desvantagens. Concretamente no caso dos alunos chineses verifiquei que a comunidade escolar demonstrou bastante ansiedade e frustração face à incapacidade de comunicação.

A minha ideia inicial da utilidade do intérprete na sociedade multicultural foi reforçada durante a realização destas entrevistas, pois percebi que se existisse esse recurso, a integração, quer dos alunos, quer dos seus educandos teria sido muito mais positiva. A exclusão de que por vezes são vítimas passivas ou ativas, não teria sido tão acentuada. Uma inclusão mais harmoniosa, mais rápida e eficaz poderia ter acontecido.

Conclusão

O meu pressuposto inicial da tese era analisar o papel do intérprete/tradutor como facilitador do processo de inclusão numa sociedade multicultural. A resposta era fácil de adivinhar! Obviamente eu já tinha a minha opinião formada e iria tentar encontrar exemplos e experiências que comprovassem a minha posição. Senti, no entanto, alguma dificuldade em encontrar material específico relacionado com o tema.

Esta tarefa acabou por me levar numa viagem de descoberta nunca imaginada. A leitura de algumas passagens da evolução da tradução ao longo dos tempos ajudou-me a compreender a sua relevância na aproximação das culturas. Relativamente à contribuição da mudança de mentalidades, o seu peso na História não foi menos significativo.

Com a análise de diferentes documentos verifiquei o quão importante é adquirir outras competências para além das linguísticas, como as culturais, políticas e éticas. Na época atual os desafios que se colocam ao intérprete/tradutor são muito mais abrangentes e carregados de significado humanístico, implicando um olhar renovado sobre esta profissão. Já não se trata de ser apenas um bom técnico na área, mas de estar igualmente preparado para outras questões sensíveis como por exemplo os traumas provocados pelas guerras, os receios do terrorismo e outras que só descobriremos no contacto direto com o público-alvo.

A recente crise de refugiados veio colocar estas questões na ribalta. A procura de intérpretes/tradutores tem sido diária e em diferentes contextos. A resposta nem sempre tem sido a mais desejada, mas verifiquei que existem várias organizações empenhadas em prestar um bom serviço.

No decorrer da minha pesquisa percebi que apesar da evolução tecnológica em matéria de instrumentos de tradução, o Homem como tradutor e intérprete continua a desempenhar um papel muito importante na ajuda à inclusão. Existem contextos em que, apenas a intervenção de um especialista, pode contribuir para o sucesso comunicativo.

Num futuro próximo consigo imaginar que as entidades responsáveis irão reconhecer a necessidade do recurso a estes especialistas, no sentido de acelerar o processo de inclusão dos estrangeiros no seu país de acolhimento.

Referências Bibliográficas

ACIDI - Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, I.P (2003). Acedido, agosto 30, em <http://www.rcc.gov.pt/Diretorio/Entidades/ac/Paginas/ACIDI---Alto-Comissariado-para-a-Imigra%C3%A7%C3%A3o-e-Di%C3%A1logo-Intercultural,-I.P.aspx>

Allen, M. J. B., Rees V., & Davies M. (2002). *Marsilio Ficino: his theology, his philosophy, his legacy*. Leiden, Boston & Köln: Brill

Amos, F. R. (1973). *Early Theories of Translation*. Acedido, abril 2, 2017, em <http://www.gutenberg.org/files/22353/22353-h/22353-h.htm>

Antunes, M. L. M. *Vinte anos de emigração portuguesa: alguns dados e comentários*. Acedido, setembro 20, em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/122425715305iFM4jp3Cy32UN4.pdf>

Bacon, R., & Maloney, T. S. (1988). *Compendium of the study of theology*. Leiden, New York, København and Köln: E. J. Brill

Baker, M., & Saldanha, G. (2011). *Routledge encyclopedia of translation studies*. Oxon and New York: Routledge

Bassnet, S. (2002). *Translation Studies*. Great-Britain: Routledge.

BBC News. (2015). *Germany faces 1.5 million asylum claims this year – report*. Acedido, agosto 30, em <http://www.bbc.com/news/world-europe-34442121>

Birkby, S. J. (2014). *We will bury you' how mistranslation heightened cold war tensions*. Bangkok: Assumption University

Daniell, D. (1994). *William Tyndale: a biography*. New Haven & London: Yale University Press

Delisle, J., & Woodsworth, J. (2012). *Translators Through History*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins Publishing Company

Drew, K. (2016). *Making sure refugees aren't lost in translation - with one simple app -*. UNHCR Innovation. Acedido, setembro 16, em <http://www.unhcr.org/innovation/making-sure-refugees-arent-lost-translation-one-simple-app/>

DW (2013). *Nicht immer leicht: Schulgespräche mit Migranten*. Acedido, setembro 10, 2017, em <http://www.dw.com/de/nicht-immer-leicht-schulgespr%C3%A4che-mit-migranten/a-16762306>

El-dali, H. M. (2010). *Towards an understanding of the distinctive nature of translation studies*. Acedido, setembro 12, em <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2210831910000056>

Fokken, S. (2017). *Lehrermangel an Schulen: Mit Ansage gegen die Wand - SPIEGEL ONLINE - Leben und Lernen*. Acedido, agosto 30, 2017 em <http://www.spiegel.de/lebenundlernen/schule/lehrermangel-in-deutschland-weniger-unterricht-groessere-klassen-a-1160853.html>

Hackett J. (2007). *Roger Bacon*. Acedido, junho 12, 2017 em <https://plato.stanford.edu/entries/roger-bacon/>

Inghilleri, M. (2017). *Translation and Migration*. London and New York: Routledge

ISO 17100:2015. (2015). *Translation services -- Requirements for translation services*. Acedido, setembro 25, 2017 em <https://www.iso.org/standard/59149.html>

Kushner, A. (2015). *The grammar of God: a journey into the words and worlds of the Bible*. Spiegel & Grau

Lebert, M. (2017). *A short history of translation through the ages*. Acedido, março 24, 2017, em <https://archive.org/details/translation-history>

Levy, J. (2011). *The Art of Translation*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins Publishing Company

Maher, B., & Nelson, B. (2013). *Perspectives on Literature and Translation: Creation, Circulation, Reception*. New York and Oxon: Routledge

Mina, A. (2017). *Mobile Translation for Refugees*. Medium. Acedido setembro 16, 2017 em: <https://medium.com/meedan-labs/mobile-translation-for-refugees-81998b036d63>

Mostafa, H. (2010). *Towards an understanding of the distinctive nature of translation studies*. Acedido, março 26, 2017, em https://ac.els-cdn.com/S2210831910000056/1-s2.0-S2210831910000056-main.pdf?_tid=1e9b38b0-60da-485c-b84b-a64bbe26b43a&acdnat=1536567957_db51e9ea54f6488e04c52b58e06f094b

- Newmark, P. (1988). *A text book of translation*. London: Prentice Hall.
- Nida, E. A. (1964). *Toward a science of translating with special reference to principles and procedures involved in Bible translating*. Leiden: E. J. Brill
- Nida, E. A. & Taber, C. R. (2003). *The theory and practice of translation*. Leiden & Boston: Brill
- Petronzio, M. (2017). *This app connects refugees to volunteer translators via Facebook Messenger*. Mashable. Acedido, setembro 16, em:
<http://mashable.com/2017/02/03/tarjimly-app-refugees-translators/#aAP3lrKZMmqS>
- Said, E. W. (1994). *Culture and imperialism*. London: Vintage Books
- Steiner, T. R. (1975). *A companion to British literature, Volume 3: The Long Eighteenth Century Literature 1660-1837*. Wiley Blackwell
- Tytler, A. F. (1787). *Essay on the principles of translation*. London: Cadell and Davies
- Yuan, H. (2007). *Nonverbal Communication and Its Translation*. Acedido, agosto 28, 2017 em <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.970.7706&rep=rep1&type=pdf>

Luther, Martin. (1530). *AN OPEN LETTER ON TRANSLATING*

Diário da República (2006). Despacho Normativo n.o 7/2006